

P

A/Z

ISSN 1807-9873



Cadernos de Tradução

Número 29 - jul / dez - 2011

Contos Folclóricos do País de Gales

Recontado por
Alan Fear

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

Nº 29, jul/dez de 2011

Contos folclóricos do País de Gales Recontados por Alan Fear

Organizadores

Alan Peter Fear

Augusto Buchweitz

Sandra Sirangelo Maggio

UFRGS

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades.

Instituto de Letras - UFRGS



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Vice-Diretora: Prof^a. Maria Lucia Machado de Lorenci

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Andrei Cunha

Prof^a. Erica Schultz

Prof^a. Heloísa Rosário

Organizadores deste número:

Alan Peter Fear

Augusto Buchweitz

Sandra Sirangelo Maggio

Ilustrações: Maria Clara Vasconcellos

Revisão: Ana Iris Marques Ramgrab e Valter Henrique Fritsch

Imagem da Capa: Imagem da capa: Borboletas, cedida pela artista plástica Maria Clara Vasconcellos para esta publicação.

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

SUMÁRIO

Apresentação / 5

Contos Folclóricos do País de Gales

O segredo do Rei March / 11

A dança de Gareth / 15

Morwen do bosque / 19

O lago da pedra de Sir Owian / 25

O cão de caça do Príncipe Llewelyn / 29

Gwyn e o pote de ouro / 33

A ponte do espírito branco / 37

Owain das mãos vermelhas / 43

Welsh folk tales

Retold by Alan Peter Fear

King Marsh's secret / 49

Gareth's dance / 53

Morwen of the woods / 57

The lake of Owain's stone / 63

Prince Llewelyn's hunting dog / 65

Gwyn and the pot of gold / 69

The bridge of the white spirit / 73

Owain of the red hand / 77

Contextualizações

A palavra do Bardo / 83

Alan Peter Fear

O tradutor e sua visibilidade / 85

Rosalia Angelita Newmann Garcia

Escócia, Irlanda e País de Gales: as nações e sua literatura / 91

Mariana Lessa de Oliveira

Apresentação

POR QUE LER AS LENDAS CELTAS?

Há alguns anos, conversando com um colega australiano¹, usei sem pensar a expressão “na visão ocidental”. Ele então me alertou para duas coisas relevantes. Primeiro, os modos oriental e ocidental de ver o mundo têm mudado desde a popularização da internet, em meados dos anos oitenta, com a aproximação dessas duas culturas através das redes sociais que reúnem pessoas por seus gostos e afinidades. Segundo, o conceito de oriente e ocidente sempre foi relativo: ele, quando olha para o oriente lá da Austrália, enxerga o Chile. Ou seja, a nossa percepção das coisas é parcial, e é eurocêntrica. Da mesma forma, quando falamos sobre literatura, nós “ocidentais” nos fixamos nos textos e parâmetros fundadores da mitologia e literatura greco-romana, ignorando aquilo que é anterior ou externo a ela. Mesmo os manuais de literaturas de língua inglesa costumam iniciar a listagem dos textos canônicos com o poema épico anglo-saxão *Beowulf*, uma obra que chega às Ilhas Britânicas no século V e que só é transposta para a forma escrita a partir do século VIII.

Contudo, se aceitarmos como literatura as narrativas transmitidas por tradição oral, então o acervo literário britânico remonta a mais longínquas. Já havia habitantes – e portanto histórias – naquela região há 250 mil anos atrás², muito antes da última era glacial, que ocorreu há cerca de 20 mil anos e cujo degelo

¹ Professor Ian Alexander, à época (2008) professor substituto de língua e literaturas de língua inglesa no Instituto de Letras da UFRGS.

² Salvo quando especificamente referenciado, as informações factuais aqui apresentadas se embasam na leitura dos capítulos iniciais da obra *The Birth of Britain*, primeiro volume da coleção: CHURCHILL, Winston. *A History of the English Speaking Peoples*. New York: Barnes and Nobles, 1993 (1956). ISBN 0-880029-423-X.

provocou a subida no nível das águas que isolou a Grã Bretanha e a Irlanda do resto do continente europeu, com o surgimento do Canal da Mancha e do Mar da Irlanda. Prova disso são os resquícios de vegetação e de moradias encontrados no fundo do mar naquela região. Versões antigas da lenda de Tristão e Isolda situam o reino do Rei March em um território (agora submerso) localizado entre a Cornuália e o sul da Irlanda.

Assim, apesar do verniz greco-romano ocidental, o senso de identidade gaélico-picto-bretão daqueles povos se fixa em um lastro de lendas que remonta aos tempos da tradição celta oral, ou possivelmente seja ainda anterior a ela. Muitas características da literatura de língua inglesa que temos hoje mesclam elementos de todas as culturas que a formaram. Dois exemplos da riqueza que vem dessa complexidade cultural são a extensão do vocabulário do inglês, que é cerca de três vezes maior do que o das outras línguas europeias devido às sucessivas invasões e imigrações ocorridas; e a diversidade histórica que transpõe até mesmo quando observamos o nome dos dias da semana: *Sunday* e *Monday* evocam uma religião (celta ou anterior) primitiva, que ainda cultua elementos da natureza; *Tuesday*, *Wednesday* e *Thursday* remetem a Tiw, Odin e Thor, deuses nórdicos; e *Saturday*, nos fala da dominação romana, através do deus romano da agricultura, por sua vez identificado com Cronos, o titã que origina o panteão grego.

Assim como para quem estuda a língua inglesa com vistas a se tornar um profissional não basta ter acesso à filologia românica (precisa-se também, predominantemente, investigar a filologia germânica), é imprescindível identificar as fontes celta e nórdicas presentes nos arquétipos literários dos textos anglófonos.

Muito desta herança feliz transparece nos oito contos folclóricos compilados nesta edição pelo nosso bardo local, o professor galês Alan Peter Fear, com quem o Instituto de Letras da UFRGS tem a sorte de contar como mestrando na ênfase de Literaturas de Língua Inglesa. Como ocorre com a maioria dos habitantes urbanos do País de Gales da atualidade, Alan (cujo nome em sua língua de origem poderia ser transcrito como *Alun Ofn*) nasceu e cresceu imerso na língua inglesa, não na língua galesa original, que hoje em dia é ensinada em cursos de língua, tradição e folclore, como se fosse uma língua estrangeira. Isso torna muito complicado o uso de uma expressão como “língua mãe”, pois a língua da pátria-mãe dos galeses foi apagada ao longo dos séculos. Agora está, aos poucos, sendo restaurada através de estratégias artificiais, como ocorre também na Irlanda e na Escócia. É quase como se nós, no Brasil, resolvêssemos reavivar a língua latina hoje, através de sociedades culturais, centros de folclore e escolas de língua. Ou se decidíssemos registrar por escrito as lendas orais dos povos indígenas locais. Enquanto isso, a língua com que os galeses contam para empreender essa tarefa difícil, a língua que nascem falando, é o inglês, a língua

dos que apagaram a memória cultural daqueles povos que contavam as lendas que aos poucos passam a ser resgatadas e que tão poucos dentre nós conhecem aqui no Brasil.

Como ocorre em todo o processo de aculturação, muito do espírito, do estilo e da sonoridade da cultura original encontra meios de permanecer através de uma série de estratégias de aculturação. No caso da língua e da literatura galesas, pode-se dizer que muita coisa não só permaneceu intacta, como também contribuiu para o enriquecimento e desenvolvimento da própria língua e literatura inglesa. Essa mão-dupla se reflete até na ironia ligada ao nome desse país. Em galês, *Cymru* significa algo como “terra dos camaradas”, ao passo que o nome inglês, *Wales*, se traduz por “terra dos estrangeiros”. É assim que – sabe-se lá por que – os anglo-saxões chamaram os habitantes originais das terras que haviam invadido.

Muitas características que a língua inglesa herdou da contribuição desses maravilhosos habitantes originais da Grã-bretanha podem ser mapeadas no texto criado por Alan Fear em inglês moderno, como a sonoridade, o gosto pelas aliterações e o trabalho na tessitura da modulação frasal. Mesmo nas versões traduzidas para o português podemos perceber traços da prosa bretã, como o floreio do som e da ideia, o prazer de conversar e de narrar uma boa história – contando sempre um tantinho a mais do que o estritamente necessário – ou o capricho na pintura de alguma parte do cenário apresentado. O humor simpático e perspicaz se revela de formas diferentes em cada uma das histórias. Em “O Cão de Caça do Príncipe Llewellyn” impressiona a elegância e a destreza com que é feita a transição entre os tons cômico e pungente; e a cena da chamada dos cães de caça – um dos quais até sabe falar – é antológica. O final surpreendente de “Owain e o Pote de Ouro” faz o leitor se perguntar por que facilitar as coisas quando se pode fazer tudo pelo jeito mais difícil. Os anacronismos podem surgir a qualquer hora, como a referência ao Jethro Tull, às produções de Walt Disney, ou as dicas de lugares a serem visitados pelos turistas. E há também o uso do *understatement* e do silêncio: será que algum dia descobriremos qual é o problema na cabeça do Rei March?

Nessas oito histórias o folclore britânico se apresenta em toda sua exuberância, nos bosques e pastos verdes habitados por fadas, elfos e duendes; reinos com cavaleiros que caçam dragões; vilas que ficam perto do fim do arco-íris, onde há cavernas e poços guardados por gnomos; castelos habitados por gigantes perigosos e violentos; fantasmas presos no limbo até que os mistérios que os prendem sejam solucionados; e muito mais.

Enredos, personagens e circunstâncias do folclore do País de Gales são também compartilhados com os demais países das Ilhas Britânicas. Mesmo com pequenas variações no enredo, ou nos nomes dos personagens, até mesmo nós os leitores brasileiros reconhecemos referências ao mago Merlin, à fada Mor-

gana, aos cavaleiros da Távola Redonda, ou ao gigante adormecido que devora os que querem roubar o seu tesouro. As diferenças na pronúncia dos nomes ou nos detalhes dos enredos das versões galesa, escocesa, irlandesa ou inglesa de vários desses contos ficam por conta dos desvios causados por tantos milênios de recontagem dos mesmos bretões.

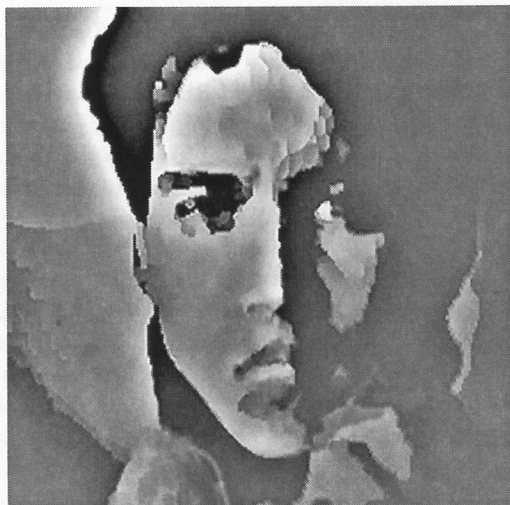
É, portanto, com muita alegria que apresentamos aqui esta coletânea de oito contos galeses, que só foi possível produzir a partir da junção de uma série de talentos da prata da casa do Instituto de Letras, cujos participantes vêm a seguir elencados. Como dito anteriormente, cada um dos contos foi recontado, de memória, pelo nosso bardo galês *Alun Ofn*, que a bem da verdade pesquisou um pouquinho na bibliografia referenciada no final da seção “A Palavra do Bardo.” Todas as ilustrações da edição foram gentilmente cedidas pela artista plástica Maria Clara Barreto Vasconcellos, que também é professora de inglês e uma grande amiga. A tradução das histórias foi primorosamente empreendida pela equipe de trabalho do Prof. Augusto Buchweitz, composta pelos estagiários do Bacharelado em Letras Grazielle Ruzzante, Cristina Bordinhão, Patrícia Varriale da Silva, Francine Facchin Esteves, Cybele Alle, os gêmeos Anderson Santos Travassos e Andressa Santos Travassos, Julia Karl Schwinn e Vânia Dall’Aqua Corrêa, cujos e-mails para futuras traduções estão disponibilizados na primeira página de cada história elencada. O livro vem dividido em três partes. Na primeira vêm os contos traduzidos para o português. Na segunda seguem as versões originais em inglês. E na parte final, como bônus, temos três artigos: um de Alan Fear sobre a relevância da literatura transmitida por tradição oral; outro sobre os ossos do ofício da tradução literária, pela Profa. Rosalia Neumann Garcia, uma das principais responsáveis pela revigoração do currículo do Bacharelado em Tradução da UFRGS; e um comentário sobre as tensões entre o País de Gales, a Escócia e a Irlanda em seu relacionamento com a Inglaterra apresentado pela mestranda Mariana Lessa de Oliveira, que há muitos anos vem-se especializando em Literatura Irlandesa. A revisão do texto é assinada pelos mestrandos Ana Iris Marques Ramgrab e Valter Henrique Fritsch. A todos e a cada um apresento a minha admiração e profundo reconhecimento.

Toda a equipe de pesquisa, filiada ao Projeto *O Imaginário das Ilhas Britânicas*, agradece a acolhida a esta publicação por parte dos *Cadernos de Tradução*, representados aqui pelos professores Andrei Cunha, Erica Schultz e Heloísa Monteiro Rosário e pelo assessor administrativo Leandro Bierhals Bezerra, do Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras da UFRGS.

Boa leitura!

Sirangelo Maggio
28 de agosto de 2011

Contos folclóricos do País de Gales Recontados por Alan Fear



O segredo do Rei March

Tradução de Grazielle Ruzzante
grazyinha11@hotmail.com

O rei March era o senhor de Penrhyn Llyn, o dono de hectares de pastos férteis, muitos cavalos de batalha, centenas de cabeças de gado, porcos e dos melhores falcões caçadores de toda a região. Ele morava em Castellmarch, uma enorme fortaleza de inúmeras torres e muralhas de pedras tão grossas que um exército de dez mil saxões não conseguiria quebrar. Em uma palavra, March era rico, extremamente rico — certo, foram duas palavras — mas não era extremamente feliz. Deixa eu te contar, o rei March guardava um segredo que o envergonhava. Ele usava uma enorme coroa fechada, e não era por causa de alguma ditadura da moda. Ninguém conseguia ver a parte de dentro da coroa (coroas são geralmente abertas na parte de cima, não é?).

A única pessoa que sabia sobre o segredo do rei era o Barbeiro Real, Bifan. Encarregado de seus deveres reais, Bifan foi convocado pelo rei para uma audiência particular na Sala do Trono.

— Como Barbeiro Real, você deve jurar nunca revelar a ninguém o que vou mostrar agora — e com um movimento ligeiro, o rei retirou sua grande coroa.

— Aaaaaaaaaaaaaah! — foi a primeira reação do barbeiro, fazendo o sinal da cruz no ar.

— Jure ou morra agora! — disse March desembainhando um instrumento muito assustador e afiado.

Bifan escolheu a abordagem mais sábia e respondeu:

— Eu juro, vossa alteza, nunca contar a ninguém que vossa majestade tem...”

— Não continue! — interrompeu o rei.

Então, uma vez por mês, Bifan ia ao palácio executar seu dever real e uma vez por mês enfrentava o horror do rei e não podia contar a ninguém. Após alguns meses, o barbeiro se acostumou ao trabalho e nunca mais hesitou

quando o rei retirava sua coroa. Mas o fato de que ele, Bifan, sabia do segredo que ninguém mais sabia, exceto, é claro, o próprio rei, coçava como uma pulga insistente atrás da orelha. À noite, Bifan não conseguia dormir, ele se contorcia e se revirava, suava e gemia, e para tornar as coisas ainda mais difíceis, por ter medo de gritar o segredo enquanto dormia, Bifan selava sua própria boca com uma forte fita adesiva. Se Mallt, sua esposa, descobrisse, a vizinhança inteira saberia em uma hora!

Então, claro, Bifan adoeceu, uma pessoa não consegue guardar um segredo e não dormir por meses sem adoecer. Mallt implorou para que ele se consultasse com o Bom Doutor. No dia seguinte a autoridade médica chegou na forma do Velho Prydderch, que trouxe uma maleta de couro cheia das últimas novidades da ciência médica. Mas as sanguessugas assustaram Mallt e ela desmaiou, e o Velho Prydderch então tratou dois pacientes em uma visita — assim ganhando o dobro de pagamento — e resolveu que levaria as sanguessugas sempre que houvesse senhoras sensíveis. Após examinar a língua de Bifan e espetá-lo duas ou três vezes na barriga, o doutor não pôde achar nada errado fisicamente.

— Não pude achar nada errado fisicamente — ele declarou.

Bifan concordou com a cabeça, em silêncio.

— Mas há algo coçando atrás da sua orelha como uma pulga insistente — disse o doutor, sem muita imaginação.

— Bem, eu tenho um segredo, é que...

— Eu não quero saber o segredo do rei! Siga meu conselho e conte a alguém antes que isso o enlouqueça. Enquanto isso, use duas sanguessugas a cada quatro horas para o nervosismo.

— Onde eu as coloco? — perguntou o barbeiro, nervoso.

— Colocá-las? Nós não estamos na Idade da Pedra, homem! Apenas engula duas sanguessugas a cada quatro horas. Com açúcar, se ajudar. Três xelins, por favor, dois pacientes e uma jarra de três onças de sanguessugas, obrigado! — o velho doutor saiu pela porta deixando Bifan se perguntando para quem diabos ele poderia contar o segredo.

Semanas passaram, a pulga ainda coçava, as sanguessugas acabaram e Bifan ainda guardava o segredo. Até que um dia ele teve a simples e brilhante ideia de ir para o interior, longe de todos, e contar em alto e bom tom o seu segredo para os pássaros, as feras e as árvores; isso aliviaria a coceira e ninguém saberia o segredo do rei! E assim, em uma linda tarde, o barbeiro pegou um almoço, embrulhou e amarrou a comida em uma vara e partiu para uma longa caminhada para os campos do interior. Caminhou por horas e horas assoviando uma melodia alegre até que chegou a um lugar totalmente selvagem, perto de um pântano e longe de qualquer alma viva. Ali desembulhou seus sanduíches e comeu o almoço em silêncio e feliz, apoiado em uma árvore. Quando terminou de comer, Bifan decidiu que a única maneira de contar o segredo era apenas

botar para fora, tão clara e honestamente quanto possível. Respirou profundamente, abriu sua boca e...

— Eu não quero saber do segredo do rei! — gritou uma voz e um homem vestido de pastor apareceu, correndo atrás de um rebanho de ovelhas. Quando eles finalmente passaram, Bifan esperou trinta minutos para ver se mais alguém o interromperia e, mais uma vez, respirou fundo e gritou o mais alto que pôde:

— Ei, escutem! O Rei March tem... — e contou o segredo. Ele contou-o aos pássaros e às árvores, ao vento e à água. Finalmente, o barbeiro estava feliz e contente, o segredo tinha sido contado e ninguém sabia. Os juncos do pântano brotavam e balançavam gentilmente na brisa. Bifan retornou a sua tarefa mensal de Barbeiro Real e a pulga não coçou mais.

Alguns meses depois, o rei March deu o seu banquete anual de aniversário e convidou todos os lordes e príncipes do País de Gales, e um ou dois barões ingleses apenas para ser educado. Para se certificar de que o divertimento seria insuperável, o senescal do rei havia contratado os melhores menestréis e malabaristas de toda a região, entre eles Enoc Anderson o Flautista. Com um nome como aquele ele provavelmente veio de algum lugar do norte da Inglaterra, possivelmente até do Reino da Caledônia; de qualquer maneira, era muito famoso. Um belo dia, algum tempo antes do banquete, Enoc estava a caminho de Castellmarch para o grande evento quando se deparou com juncos robustos que dariam uma bela flauta. Ele cortou um dos juncos e sentou-se próximo a uma árvore para confeccioná-la em um elegante instrumento musical, enquanto se perguntava quem teria sido tão descuidado a ponto de ter deixado para trás um papel de embrulho e o que pareciam ser pedaços de mortadela estragada. Quando estava pronto, Enoc guardou sua faquinha e viu que tinha feito a flauta mais bonita de todas; decidiu que tocaria o instrumento apenas no banquete do rei, e não antes.

Tudo estava pronto. Ganso recheado de rosbife, rabos de castor e a excelente bebida de Castellmarch. Os príncipes e lordes davam arrotos como trovoadas enquanto esperavam ansiosos pelo divertimento daquela noite. Primeiro foram os malabaristas, que começaram com bolinhas redondas e coloridas, depois, facas afiadas, tochas flamejantes e, para o *gran finale*, ouriços vivos. Após o harpista fazer todos chorarem, o rei March chamou Enoc. Entoou-se o grito de "Enoc, Enoc, Enoc!" e até um grito de "Jeth-ro Tull!" foi ouvido, apesar de ninguém saber do que o companheiro estava falando.

— Sua majestade, sua alteza, meus lordes e ladies — começou o grande músico, os convidados se acalmando — Eu gostaria de tocar para vocês uma melodia que nenhum mortal escutou antes. Gostava de exagerar um pouco, esse Enoc. E levou a nova e reluzente flauta de junco aos lábios.

Soprou suavemente. Mas o que era isso? Nada de uma linda melodia entoada pela flauta de junco, mas sim, uma doce voz cantando e contando o segredo do

rei, na melodia de *The Camptown Ladies*! Os lordes e príncipes caíram estouraram em gargalhadas! As ladies cobriram as bocas e sorriram.

O rei March ficou estupefato, como qualquer um ficaria, e saltou em cima da mesa, agarrou a espada de um guarda que estava passando e a colocando na garganta do flautista.

— Piedade, vossa majestade! Eu não fiz isso, é algum truque de magia! — implorou o músico.

— Dê-me aqui! — o rei apanhou a flauta das mãos de Enoc — Eu vou soprar, se ela cantar, você vive, se tocar, você morre!

O rei soprou e saiu uma voz cantando “O! O velho rei March tem...”

Nesse momento Bifan se apresentou:

— Milorde! Eu confesso! — e ele contou sobre seu sofrimento e sobre a viagem ao interior onde ele contou tudo ao vento.

“O di du da dei!”, concluiu a flauta.

— Aquele pântano é encantado! — concluiu o rei — é ali que moram as fadas e os duendes! Ocorreu um feitiço! Um gracejo às minhas custas! Eu o perdoo, bom Bifan, e a você também, Enoc Flautista. Bem, agora meu segredo está revelado — e com um floreio extravagante, o rei retirou a grande coroa. Houve uma arfada coletiva dos convidados e os lordes e príncipes rolaram de rir. Mas o rei manteve seu queixo erguido, orgulhoso e sem aparentar vergonha.

Daquele dia em diante, o rei March caminhou com orgulho e nunca mais usou aquela enorme coroa ridícula e fechada.



A dança de Gareth

Tradução de Cristina Bordinhão
cristinabordinhao@gmail.com

Nos exuberantes pastos verdes do extenso Vale de Llangollen, o jovem pastor Gareth cuidava do rebanho do fazendeiro. Não era uma tarefa difícil – no início da manhã Gareth guiava aqueles animais burros para o campo e, antes do pôr do sol, trazia-os de volta. Um cajado de abrunheiro, pedras e o som da flauta de Gareth eram suficientes para afastar lobos, raposas e águias.

Num dia de verão, ao cair da tarde, o jovem retornava com suas ovelhas, desesperadamente tentando tocar uma música simples em sua flauta, emitindo guinchos e gorjeios agudos que faziam com que as ovelhas corressem para o celeiro para fugir daquela tortura. O caminho para a fazenda passava pelo bosque de Dinas Bran, o qual, alguns diriam, era encantado.

Nesse dia, no caminho que levava ao bosque havia um homem muito velho, feio e pequeno. Era o homem mais feio que Gareth já havia visto: verruguento, nariz gigante (também verruguento), barba acinzentada, falhada e longa (e também verruguenta, isso sim é que é feio) e vestido em tons extravagantes de amarelo e verde. Na cara do homem (além das verrugas) havia um sorriso como o do gato daquela história de Lewis Carroll, com a exceção de que o gato na história de Lewis Carroll não tinha dentes pretos, acavalados ou faltando. Em uma mão tinha um violino, na outra um arco.

— Desejo uma ótima noi... — o gnomo, como Gareth suspeitou, não terminou seu cumprimento porque, segundos depois, estava de costas sendo pisoteado pelos pés de 30 ovelhas. Quando a manada de lã havia passado, Gareth correu para acudir o ancião.

— Senhor Gnomo! Me desculpe... — Gareth falou.

— Gnomo, é?! (Ptui ptui ptui), não sou nenhum gnomo, seu idiota! — o homenzinho gritou, cuspingo galhos, terra e lã.

— Tire suas mãos de mim! Por acaso eu tenho UM METRO DE ALTURA? — ele tinha 1,20m — tenho um CHAPÉU VERMELHO PONTUDO? — ele se levantou do chão e se limpou. O chapéu na verdade havia sido verde e pontudo antes de as ovelhas terem dançado em cima dele. — Você, por algum acaso, me viu pescando em algum LAGUINHO DE JARDIM? Eu sou, por algum acaso, FEIO?! — De repente o sorriso voltou a seu rosto, como se ele tivesse lembrado de algo — Eu lhe desejo uma ótima noite, jovem mestre — e completou a reverência interrompida — Se o jovem mestre permitir, gostaria de tocar um pouco de música no meu viol... — ele ficou de queixo caído ao olhar para o chão, onde o violino jazia quebrado em duas partes, o arco, em três.

— ARRRGGH! Gnomo, é? — e o não-gnomo, batendo seus pés, entrou na floresta — Vou te mostrar quem é gnomo! — sua voz desapareceu no bosque.

Nem um pouco perturbado, Gareth continuou seu caminho pelo bosque, atravessou os campos do outro lado até chegar à fazenda, onde viu suas ovelhas reunidas em pânico no celeiro.

Na tarde seguinte, no mesmo horário e no mesmo local, novamente um barulho como o de um viveiro sendo torturado foi escutado. Era Gareth tentando tocar sua flauta, seguido do ruído grave dos pés de 120 ovelhas. Quando elas passaram em direção ao bosque com Gareth atrás, o homem apareceu novamente no caminho.



— Eu lhe desejo uma ótima noite, jovem mestre — disse rapidamente, olhando nervoso sobre seu ombro e atrás de Gareth — se o jovem mestre assim me permitir, gostaria de tocar uma breve música em meu violino, ahn, quero dizer, harpa. — Em suas mãos havia uma pequena harpa portátil, como as que os menestréis carregam. — Você gostaria de me acompanhar nesta dança? Gareth gostava tanto de dançar quanto adorava tocar flauta. — Venha para o bosque onde podemos dançar no meio das árvores — homem pequeno e velho convidou, e Gareth o seguiu bosque adentro.

No crepúsculo filtrado pelas árvores, Gareth viu centenas de figuras se aproximando, todo o tipo de fadas, elfos, duendes e gno... bom, talvez não. Vestidos de todas as cores, alguns com asas de borboletas, outros simplesmente sem roupas. O velho baixinho começou a tocar em sua harpa uma melodia encantadora que flutuava no ar e entrava suavemente pelos ouvidos do pastor.

Os duendes e fadas começaram a dançar em círculos e mais círculos, Gareth, quando deu por si, viu seus pés movendo-se ao som da melodia, e aí já estava dançando com o resto deles. Quem iria acreditar? Dançando com as fadas, o garoto pastor Gareth! Então lembrou de sua flauta e teve desejo de colaborar com a música. Tirando-a do bolso de trás de suas calças, ergueu o pequeno instrumento de lata até os lábios e - PIIIIIIIIIP PIIIP PIIIP PIIIIIIIIIP!!

Houve gritos e berros de horror, e em uma lufada de névoa e aromas róseos todas as fadas e o homem velho desapareceram. O moço olhou em seu redor; não havia ninguém à vista, deu de ombros e seguiu seu caminho.

— Deve ter sido culpa dos cogumelos que comi — pensou.

E foi assim que, porque tocava flauta muito mal, Gareth foi salvo de dançar por toda a eternidade. Daquele dia em diante, nenhuma fada, elfo, duende, ou até mesmo gnomo foi visto no bosque de Dinas Bran.

Morwen do bosque

Tradução de Patrícia Varriale da Silva
e Francine Facchin Esteves
paty_varriale@yahoo.com.br
esteves.francine@gmail.com

Nos tempos antigos, em que dragões e elfos vagueavam pelas terras a seu bel-prazer e cavaleiros deveriam ser audaciosos, mas nem sempre o eram, Benlli era o Príncipe de Powys, uma terra rica e fértil que tinha vacas gordas e satisfeitas em abundância — quando não estavam sendo devoradas por dragões, diga-se de passagem. Príncipe Benlli, como todos os rapazes de sua classe social, gostava de caçar. Ele era o felizardo dono de um magnífico corcel, daqueles que se tem nesse tipo de história, e de uma matilha de esplêndidos cães de caça. Amigos ele tinha aos montes — afinal, ele era o príncipe e pagava tudo, inclusive as churrascadas de domingo.

Em um desses domingos, Benlli e seus parceiros de caça, ao perseguirem um grande e gordo javali para assar na brasa para o almoço, inadvertidamente adentraram uma parte do bosque em que nunca tinham estado antes. Ali os carvalhos eram antigos e densos, sombrios e assustadores, do tipo que se vê em animações da Disney. Ignorando os avisos de seus amigos para não adentrar a escuridão, Benlli fincou as esporas em seu cavalo até se encontrar sozinho; os gritos preocupados ecoando pelas árvores ficavam cada vez mais distantes. O príncipe conteve o cavalgar rápido de seu cavalo e reduziu a velocidade a um trote mais calmo no silencioso breu. Benlli olhou a sua volta, um tanto admirado com a repentina calma. Então, como em um passe de mágica, uma jovem apareceu a sua frente, esbelta em um vestido com véu branco, parada perto da trilha com um sorriso enigmático em seu rosto. Benlli contemplou-a, virando a cabeça para não perdê-la de vista, observando cada detalhe enquanto o cavalo passava a menos de três metros de distância; ele quase chegou ao ponto de girar a cabeça como a menina possuída d' *O Exorcista*.

Cinco minutos depois, quando Benlli finalmente tornou a si e se limpou, amaldiçoando os galhos baixos, ela já não estava mais lá e nem o seu cavalo.

— Preciso ter esta moça como minha esposa — pensou o jovem príncipe enquanto caminhava de volta pelo, no que ele acreditava ser, caminho para o castelo. — Mas como? — lembrando-se que já era casado — Eu já sou casado — continuou em um monólogo consigo mesmo — mas minha esposa é uma velhota horrorosa comparada à Donzela do Bosque; eu preciso tê-la.

Quando voltou ao castelo, já era quase noite e todos estavam alvoroçados, pois além do desaparecimento de Benlli, a velhota horrorosa... quer dizer, sua esposa, a princesa, também havia saído cedinho pela manhã e não retornara. Ela foi oficialmente declarada desaparecida.

— VIVA! — exclamou Benlli — Não, digo, oh, pobre de mim! Minha amada se foi para sempre! Declaro luto oficial!

Trinta segundos se passaram.

— Muito bem, alegrem-se todos, agora vou me casar com a Donzela do Bosque. Traga meu cavalo, senescal, buscă-la-ei agora mesmo.

— Senhor, — disse o senescal Gildas — não tem mais cavalos, Sua Alteza já perdeu seis cavalos este mês.

— Então, vá à cidade comprar mais! Uns dez, vá, vá! Por que ainda está aqui?

— Sua Alteza, — Gildas explicou pacientemente — o Tesouro Real acabou, tantos almoços, festas...

— Tenho crédito com a maioria dos comerciantes da cidade, não tenho? — perguntou Benlli.

— Tinha, majestade, verbo no passado.

— Muito bem, caminharei bosque adentro — declarou Benlli. — Amanhã bem cedo!

Após uma noite sonhando com a Donzela de Branco do Bosque e criaturas rosas e peludas com troncos e orelhas enormes e vindas de terras muito distantes, Benlli partiu a pé na manhã seguinte, bem cedo, bosque adentro.

Quatro dias depois, Gildas suspirou e começou a organizar a equipe de busca. Já acostumada com tais acontecimentos, a equipe encontrou o príncipe em poucas horas, seguindo a trilha de papéis de bala. Gildas trazia boas notícias a Benlli.

— A senhora, a princesa, retornou, senhor. Ela estava apenas passando uns dias com a mãe em Dolgelly e esqueceu de avisar, é uma avoadá assim como o senhor — essa última parte foi murmurada bem baixinho.

Benlli abriu a boca para falar, mas foi interrompido por uma voz de comando.

— Então, a senhora princesa deve desaparecer novamente, pois eu hei de me casar com o Príncipe Benlli — a voz era de uma jovem e todos se viraram para ver quem era. Bela como sempre, a Donzela do Bosque, em branco, ou a Branca Donzela no Bosque, ou a Donzela do Bosque Branco, que seja, lá estava ela, audaz, pode-se dizer, ainda com aquela coisa branca um tanto provocante e transparente que se parecia com um vestido, mas que mal se podia chamar de roupa.

— Meu nome é Morwen, sou da Terra dos Elfos — continuou a moça, ignorando os olhares embaçados. — Hei de me casar com Benlli sob estas condições: primeiro, a princesa, a senhora sua esposa, deve ser banida para terras distantes e declarada indesejável, o que resulta em divórcio imediato. Segundo, uma vez por semana, em uma noite da minha escolha, retornarei à Terra Encantada e ninguém me seguirá ou este acordo terminará no mesmo instante. Se essas condições forem seguidas, permanecerei jovem e bela pela eternidade. Ah, mais uma coisa, fechem a boca, seus imbecis!

E então eles se casaram e por muitos anos viveram felizes, (não “para sempre” ainda! Aguarde!). A ex-princesa, banida para terras distantes e divorciada instantaneamente, casou-se com seu amante. Bem, ela nunca realmente visitou a mãe de verdade, tipo, qual é? Alguém acreditou nisso?! Uma vez por semana, Morwen retornava à Terra Encantada em algum lugar em meio às névoas do bosque para passar um tempo com o seu povo.

Muitos anos se passaram e, como havia prometido, Morwen permaneceu jovem e bela, enquanto Benlli ficou velho e gordo, mas ainda assim, por causa de sua nova “Campanha de Impostos para o Povo” — “Pague ou Morra”, estava rico novamente. No entanto, aos poucos, o Príncipe Benlli foi ficando infeliz. Se perguntava, antes de tudo, por que nunca se tornara rei em uma história dessas e por que Morwen ainda insistia em retornar ao bosque uma vez por semana. Temia que ela estivesse sob o efeito de um feitiço élfico maligno, ou será que ela tinha um amante?

Em uma bela noite de verão, Benlli estava comemorando uma vitória que teve contra um velho inimigo com um banquete magnífico. Por um total de quatro horas e vinte e três minutos, a uma distância de mais de sessenta metros, os dois lados trocaram os mais ultrajantes insultos sobre flatulências e tias prediletas, nabos e mães. A vitória finalmente foi conquistada quando um dos soldados rasos de Benlli teve a brilhante ideia de jogar uma lança na direção do oponente. Ninguém ficou ferido, mas isso assustou a tropa inimiga e mandou todos correndo pra casa, reclamando sobre o modo de guerrear moderno e a corrida armamentista.

Entre os mais nobres convidados do banquete estava um velho e sábio monge chamado Wylan. Além de monge, Wylan era um ótimo mago, mas ele nem mencionou isso, pois seus superiores não gostavam muito desse tipo de coisa. Wylan percebeu que, apesar da recente vitória, Benlli estava desagradado com alguma coisa; a testa sempre franzida do príncipe o entregava.

— Alguma coisa o aflige, meu príncipe, posso dizer pela sua testa franzida, ela o entrega, sabe? — disse Wylan entre o 33º e o 34º prato.

— É aquela mulher, Wylan, olhe ali, consegue ver? — respondeu o príncipe. — Eu estou velho, gordo e feio e ela continua jovem e bela como no dia em que a conheci. Ela vai ao bosque uma vez por semana. Suspeito que ela tenha

um elfo como amante, ou que ela esteja sob um feitiço maligno, ninguém pode segui-la ou sua juventude e beleza serão arruinadas — suspirou.

— Acho, meu senhor, que eu, por ser um grande mago, posso segui-la e descobrir seu segredo sem medo de quebrar o feitiço que a deixa assim — sugeriu Wylan. — O que o senhor precisa é de tranquilidade e paz de espírito em sua velhice. Vou descobrir por que ela retorna ao bosque ee, em troca, o senhor me der Morwen.

O príncipe refletiu sobre o assunto e depois de ter considerado cuidadosamente o que o monge disse sobre paz de espírito na velhice, concordou em abdicar de Morwen. Afinal, qual era a vantagem de se ter uma mulher bela, poderosa e jovem se você é um velho gordo e pelancudo? Wylan que ficasse com ela e se incomodasse com as saídas semanais dela na velhice DELE.

Então, duas noites depois, pouco antes do anoitecer, Wylan se escondeu atrás de um grande carvalho no limite do bosque e esperou que Morwen aparecesse. Como esperado, após algum tempo, ela se aproximou e entrou nas sombras; Wylan seguiu-a de perto para ver o que aconteceria. Enquanto andava, começou a entoar o feitiço que preservaria Morwen e faria com que ela fosse dele.

— O Príncipe Benlli terá paz, Morwen do Bosque será minha.

Morwen desapareceu na escuridão e Wylan continuou: — Ao pôr do sol, Morwen me encontrará na capela do monastério e iremos nos casar! — seguiu murmurando em línguas estranhas, fundamentais para esse tipo de mágica.

Ao anoitecer, Wylan se dirigiu à capela do monastério onde se casaria, de acordo com a sua teoria do feitiço, com a jovem e bela Morwen do Bosque. Quando se aproximou, percebeu uma figura encurvada e encapuzada esperando na entrada da capela. Wylan estava contornando a figura para entrar no local, quando a figura se virou para ele: era uma velha enrugada, caindo aos pedaços.

— Ahhhh! Saia daqui, sua bruxa! — gritou o monge, pensando que era alguma feiticeira que tinha vindo amaldiçoar seu casamento. — Estou para me casar com a Morwen do Bosque e não quero nenhuma velha feia estragando meu casamento, fora daqui!

A velha sorriu, se é que é possível sorrir com três dentes. — Assim será, sábio Wylan, iremos nos casar. Sou sua noiva, Morwen do Bosque.

Ao ouvir isso, o velho monge percebeu que o feitiço que fizera não funcionara. Talvez tenha pronunciado errado “sanskeksledsdizzgapadgrdddonkles” e imediatamente começou um contra-feitiço: — Morwen será novamente de Príncipe Benlli! — ele colocou a mão no bolso e lançou um pó encantado no rosto dela.

— Pffff pfff! Pode guardar esse pó de serragem tingido para as pessoas do vilarejo, seus feitiços não funcionam comigo. Aliás, você é um magozinho de merda perto dos outros, Wylan. Seus feitiços simplesmente não funcionam e ponto. Voltarei para Benlli, ele ficará feliz em me ver, você vai ver — ela se virou e foi embora.

Depois do jantar, velho e triste, Benlli subiu as escadas de pedra que levavam aos seus aposentos. Ao abrir a porta, viu lá, sentada na beirada de sua grande cama, uma mulher muito, mas muito velha, Morwen do Bosque. Benlli a aceitou de volta com alegria; ele era agora não apenas velho e feio, mas muito feliz também.

Viveram felizes novamente, não para sempre porque isso só acontece em contos de fadas — você acha que isso aqui é um conto de fadas? Eles viveram por mais três anos, os três anos mais felizes de suas vidas. Quando morreram, juntos, abraçados em sua grande cama antiga, o castelo caiu para dentro da terra, que nem n'A *Queda da Casa de Usher*, e as águas cobriram o local formando o lago Llynclys, em que se pode fazer passeios muito bons em pequenos barcos hoje em dia. Alguns dizem que, se vasculharmos as profundezas, conseguiremos enxergar as muralhas do velho castelo. Pode-se fazer uma bela pescaria lá também. Peguei uma truta de 15 quilos uma vez.



O lago da pedra de Sir Owain

*Tradução de Cybele Alle
oliverally@hotmail.com*

Perto do vilarejo de Gorslas, em Carmarthen, tem um lago que se chama Llyn Llech Owain (Lago da Pedra de Sir Owain). E esta é a história de como ele surgiu.

Há muitos anos, mais ou menos na mesma época em que Alarico¹ fritava Honório em pouca banha, havia uma nascente de água ali que, alegavam, era mantida pelas fadas, que, por sua vez, asseguravam que a água se conservaria sempre pura, limpa e fresca. As pessoas viajavam milhas em busca do suposto poder de cura daquelas águas. Uma pedra grande bloqueava a vazão da nascente de onde a água brotava, e era regra que quem dela bebesse colocasse a pedra de volta depois de saciar a sua sede.

Em um dia quente e abafado de verão, Sir Owain, um dos Cavaleiros da famosa Távola Redonda, voltava para casa depois de um longo período nas terras fronteiriças. Cortar as cabeças dos saxões era um trabalho que deixava qualquer um com sede, e Sir Owain se lembrou das conversas sobre a nascente mágica existente naquela região, onde ele e seu cavalo poderiam se refrescar e recarregar as energias para continuar sua jornada rumo ao oeste.

– Já é logo ali no próximo vale, Pompom – disse o cavaleiro ao seu imponente e destemido cavalo negro, que o acompanhava nas batalhas. – Mais alguns minutos e já chegaremos lá! – Sir Owain afirmou animadamente.

Três dias e dezessete léguas se passaram e Sir Owain e Pompom, já quase mortos de sede, finalmente chegaram ao vale da nascente mágica. Uma placa, que apontava para uma trilha na montanha, indicava o caminho. Depois de vinte minutos caminhando por essa trilha, o cavaleiro se deparou com uma

¹ N.T: Alarico, rei dos Visigodos e primeiro líder germânico a tomar a cidade de Roma no famoso saque de 410 contra o imperador Honório.

barreira que bloqueava a passagem; uma grande placa de madeira afixada nela, que dizia:

PEDIMOS DESCULPAS PELO INCÔMODO.
A NASCENTE MÁGICA ENCONTRA-SE
FECHADA PARA MANUTENÇÃO E EXECU-
ÇÃO DE MELHORIAS. TRABALHO REALI-
ZADO PELO DEPTO. DE ÁGUA E ESGOTO
DE GORSLAS, COM A PARTICIPAÇÃO E
APOIO DA COMUNIDADE DAS FADAS DA
NASCENTE MÁGICA.

Ao lado da placa havia um cano de metal, saliente cerca de trinta polegadas do chão, com uma torneira rosqueada em sua ponta. Um pequeno bilhete escrito à mão pairava sobre o cano, com os dizeres: – “Nesse ínterim, beba daqui; a água é boa, mas, lamentamos, não curará a sua lepra.” Sem se intimidar, Sir Owain abriu a torneira e se deitou com a boca aberta debaixo da corrente fraca de água marrom de cheiro suspeito que escorria da torneira. Estava tão cansado que logo recostou a cabeça e dormiu. Seu imponente cavalo saiu sem rumo e encontrou uma poça de água fresca formada pela chuva.

Sir Owain acordou com uma dor tremenda na parte de cima da cabeça. Toda a sua armadura borbulhava, cheia de água; sentia alguma coisa desconfortável em suas coxas, algo viscoso ou pegajoso, ou ambos, que se contorcia em suas regiões inferiores. Ainda deitado de costas, o cavaleiro percebeu que deslizava lentamente em uma lama densa. Pensando que aquele lugar era um tipo de “Outro Mundo”², Sir Owain soltou um grito de terror, e Pompom imediatamente parou de arrastá-lo, soltando o seu cabelo. Depois de muito esforço para sentar-se e retirar a enguia de dentro do calção, Sir Owain notou que todo o vale estava coberto pelas águas.

O cavaleiro ouviu vozes e se virou a tempo de olhar para toda a população do vilarejo, que marchava ao longo do caminho da montanha para verificar o que acontecera. Os oito homens, duas mulheres e um cachorro pararam bruscamente ao se depararem com o lago. Um cidadão, bastante observador, gritou – Olhem! Um lago enorme! E quem é aquele que está ao lado do lago senão Sir Owain, o cavaleiro destemido?

Sir Owain, todo constrangido, começou a se desculpar quando o líder da comunidade o interrompeu, dizendo – Não tema, Sir Owain, nós já não temos mais a nascente mágica, mas sim um lago mágico! Vamos inventar uma história sobre como o senhor se esqueceu de colocar a pedra de volta na nascente e chamaremos o lago de “O Lago da Pedra de Sir Owain”. Construiremos um

² N.T.: Outro Mundo: na mitologia galesa, a terra das almas que partiram deste mundo, chamada de “Annwn” ou “Welsh Hades”.

hotel cinco estrelas no local e abriremos um centro para esportes aquáticos. Logo isso atrairá mais investidores, e teremos mais hotéis, cassinos, restaurantes, bares e casas noturnas.

Sir Owain afastou-se discretamente, conduzindo Pompom pelas rédeas.



O cão de caça do Príncipe Llewelyn

Tradução de Anderson Santos Travassos
anderson.travassos@gmail.com

Um dos maiores príncipes da história do País de Gales foi Llewelyn ab Iorwerth ab Owain, ou Llewelyn Fawr, que significa Llewelyn, o Grande. Poucos monarcas fizeram por merecer esse título, que Llewelyn compartilha com Alexandre da Macedônia, Carlos Magno dos francos e seu próprio antecessor, Rhodri Mawr. Llewelyn foi príncipe em uma época em que os príncipes do País de Gales eram galeses, não ingleses como são hoje.

Nosso príncipe vivia em um imenso castelo no coração dessa Terra da Música chamada País de Gales. As tropas lideradas por João Sem Terra, da Inglaterra, tentaram derrubar os muros do castelo de Llewelyn várias vezes, e falharam. O príncipe e suas tropas correram os ingleses até Offa's Dyke — o fosso que separa Gales do território saxão — expulsando-os com os rabos entre as pernas.

A esposa de Llewelyn Fawr era uma linda dama chamada Joana, filha do Rei João já mencionado anteriormente. A história de como ela se tornou esposa do príncipe do País de Gales fica para outro momento, por agora basta dizer que abdicou de sua nacionalidade e deu as costas a seu pai cruel, também conhecido como Espada-Frouxa, em alusão a sua falta de bravura em batalhas (ou talvez um apelido dado pelas mulheres por razões que não se deve expor aqui). O primeiro filho do casal, o futuro príncipe, um bebê de três meses, foi chamado de Dafydd.

Em tempos de paz, quando não estava caçando ingleses pelas colinas, Llewelyn gostava bastante de caçar. Quando podiam, ele e seus homens caçavam lobos e dragões. Mas os lobos não tinham muita carne no inverno e a carne dos dragões era dura e fibrosa; e a cada ano os dragões se tornavam mais raros. Por isso, Llewelyn e seus homens tinham de se contentar na maioria das vezes com coelhos e cervos. Quem sempre acompanhava o príncipe em suas caçadas

eram seus cães, Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan e Gelert, seu cão favorito. Gelert era um cão gigante de raça irlandesa, especialmente treinado para caçar as maiores bestas da floresta, e que não se satisfazia com coelhos e cervos. O amigável e fiel Gelert havia salvado o príncipe em uma ocasião em que um javali selvagem enraivecido atacou o grupo de caça. O cão tomou a frente e agarrou o monstro pela garganta, estraçalhando sua traqueia e impedindo que abrisse as entranhas do príncipe com suas presas afiadas.

Quando a neve cobria as colinas com seu manto branco e macio e as pequenas criaturas peludas apenas deixavam suas tocas sob as árvores para cavocar aquela brancura e encontrar insetos, vermes grudentos ou qualquer coisa verde para comer; quando os lobos uivavam para a lua, competindo com o vento, e se tornavam cada vez mais audaciosos por causa da fome, Llewelyn, seus companheiros e seus cães gostavam de ir à floresta em busca de qualquer coisa que fosse macia e peluda, para matá-la e fazer um churrasco ou um belo casaco ou chapéu, dependendo do tamanho da criatura macia e peluda. Eventualmente, se estivesse alegre, o príncipe deixava os cães despedaçarem os restos.

Foi em um dia como esse, quando a neve cobria as colinas com seu manto macio e branco, etc., etc., no início da manhã, enquanto todos ainda estavam acobertados por pelagens no grande saguão do castelo, que Llewelyn, já acordado, fazendo o jejum de carne-seca de dragão, decidiu que aquele seria um bom dia para caça. Chamou os cães para junto de si.

— Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan, Gelert! Venham, seus bolas-de-pelo fedorentos, é hora de encontrarmos algo para comer.

Eles vieram correndo como um tornado de pelos. Llewelyn fez a chamada:

— Don!

— AU-AU!

— Juno!

— AU!

— Seren!

— GRRR!

— Morwen!

— AUUU!

— Dylan!

— Presente!

O príncipe deu um olhar de reprovação.

— AU-AU!

Llewelyn mirou o cão, carrancudo, antes de continuar — Gelert!

Desta vez não houve resposta. Provavelmente ainda debaixo das cobertas, Llewelyn pensou, não deve estar interessado em coelhos; merece um descanso. Ansioso pela caça, o príncipe resolveu sair sem seu cão favorito. Acordou os homens a pontapés. Quando tudo estava pronto, partiram pelos portões do

castelo — que permanecia aberto, já que o inglês mais próximo estava a pelo menos 50 léguas de distância — e seguiram floresta adentro.

A caça foi boa, quatro coelhos, grande ensopado de domingo; dois corvos, uma pequena torta; e uma toupeira que daria uma bela tarde de chá e uma luva; e outra teria de esperar até que a próxima toupeira pudesse ser encontrada.

Na entrada do castelo, o grande cão Gelert veio pulando pelas escadas de pedra para receber seu dono. Quando se aproximou, Llewelyn percebeu que da mandíbula e dos dentes do cão pingava sangue.

— Mas o que é isso, Gelert?! O que aconteceu?

O cachorro, feliz em ver seu dono, apenas sorriu, do jeito que os cachorros fazem, mas com seus dentes ensanguentados, e balançou a cauda tão forte que sua traseira também balançava junto. Dócil, Gelert olhou para o dono com seus olhos grandes e amigáveis, com sua língua pendurada para fora e pingando sangue.

Llewelyn olhou para o topo das escadas e viu que a porta do berçário, onde seu filho dormia, estava aberta. Com um grito de horror, o príncipe venceu as escadas em quatro passos largos, chegou até a porta do berçário e olhou para dentro. O que viu fez seu sangue gelar. A sala era uma mistura de mobília revirada e sangue, havia sangue por toda a parte! Dafydd não estava em lugar algum.

— O que você fez, cão? O que você fez?

Em um ato de fúria cega, Llewelyn desembainhou a espada e com um movimento ágil a enterrou no peito de Gelert, seu fiel cão. O animal ganiu, mirou com seus olhos grandes e tristes o príncipe e desmoronou ao chão, morto.

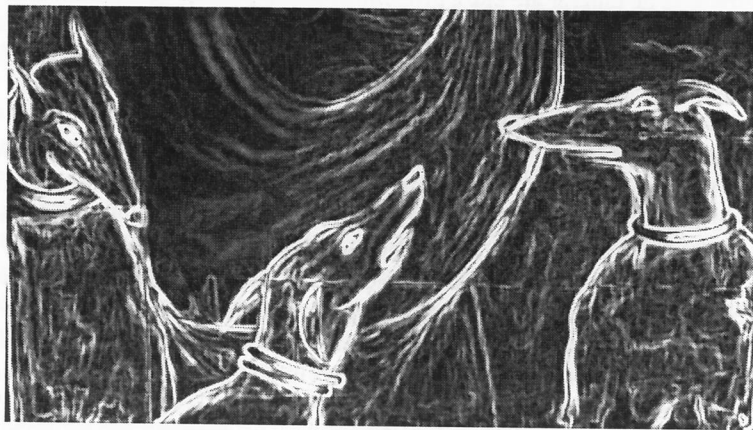
Ouviram-se um dos ruído quase inaudível, como um guincho, um pequeno choro, no canto da sala. Llewelyn olhou para além do corpo de seu cão favorito, e lá estava o berço do bebê, virado ao contrário com seus lençóis sujos de sangue espalhados em volta. Num instante, Llewelyn desvirou o berço.

Ali, sob o berço, estava o filho do príncipe, Dafydd, dormindo intacto, fazendo pequenos sons vindos de um sonho em que era amamentado. Ao lado do bebê estava o corpo de um grande e velho lobo negro e cinzento, sua traqueia destroçada, como que esmagada por um grande martelo, e seu pelo coberto por sangue dos ferimentos de mordidas feitas por um cachorro muito grande.

O príncipe Llewelyn nunca se recuperou da perda de Gelert, seu cão favorito, mas fez o melhor que pôde para preservar a memória de seu leal amigo. Confeccionou um lindo chapéu de pele, que não removeria nem mesmo nos dias mais quentes. O resto do corpo do cachorro foi enterrado com direito às honras de um bravo guerreiro.

Caro turista, enquanto você estiver viajando pelo País de Gales com seu carro alugado, reserve uma tarde para visitar a região noroeste do país. Dirija pelas graciosas curvas dos morros da Snowdonia — seja cuidadoso nessa parte. Lá, um pouco ao norte da cidade de Porthmadog, na A498, logo ao sul do cruzamento com a A4085, pare seu carro por um tempo no pequeno vilarejo

de Beddgelert e siga a pé o caminho através do campo; poucos metros adiante irá se deparar com uma pilha de pedras erguidas sobre um dos mais valentes cães da história, Bedd Gelert. Eis o Túmulo de Gelert.



Gwyn e o pote de ouro

*Tradução de Julia Karl
Schwinn
julia.schwinn@gmail.com*

As crianças estavam brincando na rua e chamaram Gwyn:

— Venha brincar conosco, Gwyn! Nós vamos jogar o Dewi no rio!

Mas Gwyn, o filho do moleiro, não foi com as outras crianças. Ele queria subir a colina em que, no dia anterior, tinha achado duas moedas de ouro gravadas com formas estranhas e fascinantes.

— São moedas encantadas! — disse sua mãe. — Teremos dez anos de azar se você trazer elas aqui — dez anos para cada moeda! Vou jogá-las no poço de Morgana. Ela é uma bruxa velha e merece isso!

Naquela mesma noite, a mãe de Gwyn saiu às escondidas de casa e levou as moedas, que tinha guardado debaixo de uma pedra. Ao chegar à casa da vizinha, a viúva Morgana, que era mãe de Dewi, jogou as moedas no poço.

Totalmente desapontado, Gwyn voltou à colina e começou a procurar mais moedas estranhas. Foi aí que viu um homenzinho engraçado vestido de amarelo e azul, com uma flor enorme em seu chapéu.

— Venha comigo, Gwyn. Vou mostrar onde você pode achar mais moedas de ouro! Venha, venha!

Um pouco nervoso, mas ansioso para ver as moedas, Gwyn seguiu o duende, que entrou numa caverna na encosta da colina.

Por dez longos anos Gwyn nunca mais foi visto na vila.

Um belo dia, a mãe de Gwyn, envelhecida e entristecida pelo sofrimento, abriu a porta da frente de casa e lá estava Gwyn na soleira! Ele não tinha envelhecido um dia sequer! Sua mãe gritou:

— Gwyn! Gwyn voltou! Ifan Miller! Gwyn voltou para nós!

O pai de Gwyn apareceu na porta.

— Mas é uma criança. Nosso Gwyn deveria estar com vinte anos! — disse.

Gwyn, mal reconhecendo seus próprios pais, respondeu:

— Sou eu, papai, Gwyn. O que aconteceu? Dormi a noite inteira em uma caverna nas colinas depois de um banquete encantado — ele olhou para cima e viu a casa da viúva Morgana.

— O que aconteceu com a casa da viúva Morgana? Está tão grande e nova!

A casa da vizinha era agora uma enorme mansão que tinha ao lado três grandes celeiros muito movimentados, com homens que corriam para dentro e para fora puxando carrinhos grandes e cheios de garrafas d'água. Na frente havia uma placa enorme que dizia:

ÁGUA MINERAL COM GÁS DA VIÚVA
MORGANA. NENHUMA OUTRA ÁGUA É AS-
SIM! DÊ UM POUCO DE GÁS EM SUA VIDA!

Naquele momento a própria viúva apareceu na porta, em um vestido lindo e caro, seguida de um jovem de uns vinte anos.

— Oi!!!, mãe do Gwyn! Como vai você? E quem é esse menino, parece o próprio Gwyn! — e deu uma risada aguda e estridente. — Venha, Dewi, não podemos nos atrasar para o chá da tarde com a rainha. — E eles entraram em uma carruagem de ouro puxada por seis cavalos brancos como a neve.

— Entre, Gwyn, meu filho, não dê atenção a ela — disse a mãe de Gwyn, que o levou até a lareira. Em casa, Gwyn explicou que no dia anterior, ou na verdade há dez anos atrás, ele havia seguido um duende e entrado em um buraco no chão, comido um banquete e caído no sono em um banco; quando acordou, viu-se na grama orvalhada na encosta da colina e caminhou para casa. A mãe e o pai ficaram tristes com a história de Gwyn, mas felizes e satisfeitos porque ele finalmente estava em casa.

Alguns dias se passaram e Gwyn ouviu seus pais conversando na cozinha.

— Estou sem trabalho, querida, os ingleses queimaram todo o trigo — disse o pai.

— Estamos sem dinheiro. O que vamos fazer? — perguntou a mãe.

— Sempre tem o tesouro de Pentyrch, o pote de ouro — ele riu sem graça.

— Ah, não seja bobo, Ifan Miller, esse tesouro é invenção. Assim como as fadas, ele não existe!

— Sim, as fadas existem! — Gwyn entrou na cozinha. — Conte-me sobre o tesouro de Pentyrch, papai!

Ifan Miller contou a história do grande tesouro de Pentyrch, que era apenas uma lenda contada de geração em geração.

— O tesouro não existe de verdade. Sabe aquele rochedo em Pentyrch? Dizem que há um pote de ouro embaixo dele — concluiu o pai.

— Vamos tentar achar o tesouro, mamãe, papai! — exclamou Gwyn animado com a expectativa.

— Seria procurar em vão, filho. O tesouro não está lá. Além disso, ninguém consegue mover o rochedo para pegá-lo.

— Vamos tentar, por favor, vamos tentar! — Gwyn insistiu.

Gwyn não parou de falar sobre o tesouro e sobre como eles deveriam tentar, até que no fim a mãe e o pai cederam e concordaram que no dia seguinte eles levassem Benno, o burro. Empurrariam e puxariam o grande rochedo até que o tesouro, que não estava lá, fosse revelado.

Então, no dia seguinte, a mãe, o pai, Gwyn e Benno partiram de casa para uma caminhada de duas horas até Pentyrch. No caminho, encontraram algumas pessoas da vila e vizinhos que perguntaram sobre sua aventura.



– Nós vamos pegar o tesouro de Pentyrch! – disse Gwyn, antes que seu pai pudesse calá-lo.

– HAHHAHA! – riram os vizinhos. – O tesouro de Pentyrch? Aquela velha história que nossas avós costumavam nos contar?!

Quando chegaram ao rochedo, a história já havia se espalhado e uma multidão estava esperando para ver a família do moleiro fazer papel de boba, mas também esperando ganhar uma parte do tesouro.

Ifan começou a trabalhar imediatamente e atrelou o velho Benno à pedra do tamanho de uma casa. Quando tudo estava pronto, o burro no vale abaixo, a pequena família preparada atrás da pedra, começaram a puxar. Empurrem! Puxem! Com cada esforço o povo gritava "COM FORÇA!" e urravam de tanto rir. Ficar gritando "COM FORÇA!" depois de vinte minutos, estava começando a ficar entediante.

– Cansei disso. Vou embora – um dos homens na multidão disse, e foram começando a se afastar. Naquele exato momento se escutou um barulho e a multidão congelou. Lenta e vagorosamente a grande pedra se moveu alguns centímetros, e todos voltaram correndo para dar uma olhada. De centímetro em centímetro, lentamente, a pedra deslizou pelo chão, e então houve um grande estrondo e a coisa toda foi rolando vale abaixo, esmagando o pobre Benno que morreu. A terra ficou exposta, e lá estava – onde a grande rocha antes estivera – lama! Nenhum pote de ouro.

– Idiotas! – alguém disse, e o povo se dispersou e foi para casa.

– Bem, – disse Gwyn – sempre resta aquele saco de diamantes que eu trouxe lá da caverna encantada.

E viveram felizes para sempre.

A ponte do espírito branco

Tradução de Andressa Santos Travassos
andressa.travassos@gmail.com

Na costa sudoeste do País de Gales fica o castelo de Kidwelly. Suas espessas muralhas são como uma barreira intransponível que resistiu a muitos exércitos saxões que, em vão, se atiraram contra aquela pedra dura e fria. Anos depois, os normandos fizeram o mesmo.

Dentro dessas muralhas viveu Sir Elidir Duh, com seus dois filhos, Rhys e Gruffydd e sua filha, a adorável Nest — adorável, mas um tanto burrinha, além de falar demais. Um monte de outras pessoas também viviam no castelo, é claro, mas não precisamos nos preocupar com eles. Com exceção talvez de Gladys, prima de Nest, cujo pai morreu em uma batalha feroz, *obrigando sua mulher e filha a viverem às custas de Sir Elidir. Portanto, a cunhada de Sir Elidir também vivia no castelo.* Gladys tinha muita inveja de Nest, pois todos os jovens do castelo (sim, está certo, eles viviam lá também!) e os jovens nobres e ricos que vinham visitar ficavam rondando Nest como abelhas na volta daqueles grandes potes de vinho de terras distantes, prestando pouca atenção a Gladys, que era uma moça sem atrativos. Ela era tão invejosa que pregava peças sórdidas em Nest, que acreditava que Gladys era sua amiga. Nest nunca entendia como pequenos sapos apareciam em seu cálice de vinho ou como sua escova de cabelo ficava grudada de mel, ou como, em noites de verão, sua cama ficava infestada de baratas. Ela nunca percebeu Gladys cobrindo suas risadas maléficas com a mão.

De qualquer maneira, Nest tinha um segredo: estava apaixonada por um cavaleiro normando chamado Sir Walter Mansell. Eles se conheceram quando Sir Walter e seus amigos cavaleiros atacaram um vilarejo nos arredores das muralhas do castelo de Kidwelly. Nest estava comprando porcos no mercado para o churrasco de domingo quando um ataque liderado por Sir Walter atingiu o vilarejo. Imediatamente, Nest ficou impressionada pela maneira como o

cavaleiro esmagava a cabeça dos pobres e inocentes camponeses. Ao reconhecer Nest como uma nobre por não estar coberta de esterco como o resto deles, Sir Walter teve a brilhante ideia de sequestrá-la e exigir um resgate.

Uma semana depois, Sir Walter não aguentava mais sua nobre refém. Ela não parava de tagarelar sobre casamento, roupas, bebês e decoração de castelo. O cavaleiro normando estava tão farto que pagou uma quantia não divulgada para Elidir pegar Nest de volta. No entanto, Nest se recusava a ir e disse que só voltaria ao castelo de Kidwelly se Sir Walter promettesse encontrá-la uma vez por semana, em segredo, na Ponte Branca sob o rio Gwendraeth, como uma princesa em um conto de fadas. Para ver-se livre dela e tirá-la de sua casa, Sir Walter concordou, pensando que talvez conseguisse arquitetar um plano para se livrar do acordo. E assim começaram os encontros, que geralmente aconteciam da seguinte forma: sempre ao entardecer, Sir Walter cumpria suas obrigações, três beijos castos em cada uma das bochechas de Nest, acompanhados de muitos “urrrum” e “aff” constrangidos, enquanto escutava a jovem falar sobre o banquete de casamento que tinha planejado, apesar de Walter ter dito bem francamente:

— Olha Nest, você é uma garota encantadora, mas temo que não possamos casar, eu sou um normando, entende, inimigo eterno dos galeses.

Nest sorria, seus olhos brilhando.

Após o quarto encontro, Gladys espiou os dois e começou a tramar um plano, ou planejar uma trama, ou, de qualquer maneira, pensar em algo bem malvado que ela pudesse fazer.

Por essa época, as coisas estavam esquentando no Oriente Médio, como de costume ocorre de tempos em tempos. Os sarracenos ficavam nas muralhas de Jerusalém gritando obscenidades e soltando flatulências trovejantes na direção do Santo Sepulcro. O grito soou entre aqueles de fé cristã por toda Europa:

— Às armas! Mais uma cruzada!

Também se ouviu pela Europa:

— Pelas costelas de Deus, Guinevere! Onde está minha cota de malha?! — E ainda:

— Não esqueça de levar roupas de baixo limpas!

Mas nada disso ficou gravado na história.

O castelo de Kidwelly estava em alvoroço com os preparativos.

— Querido papai, não esqueça de levar roupas...

— Sim, sim, eu sei, você fez meu mistos-quentes? Não colocou pepinos em conserva neles, colocou? Você sabe que pepinos em conserva me dão gases.

— Mas acho que precisamos... — começou o escudeiro Gwyn.

— Já chega! E onde está minha cota de malha?! — gritou Sir Elidir, com o rosto vermelho. — Agora escutem todos! Enquanto eu estiver fora, o jovem Gruffydd ficará responsável pelo castelo, que Deus nos ajude!

Essa observação fez Gruffydd bufar em protesto.

— Fique quieto jovem, seu braço de espada é como uma enguia trêmula e você tem tanto senso de batalha quanto um nabo esmagado — rosnou o pai, justificando sua decisão de não levar o filho mais novo. — Acho que posso confiar em você para tomar conta de um castelo cheio de mulheres, velhos e crianças (um monte de gente vivia lá, como mencionado anteriormente). Rhys vem comigo, pelo menos ele tem potencial.

O que ninguém sabia no castelo, ninguém que vivia lá, isto é, todos eles, multidões de pessoas que viviam lá, o que eles não sabiam é que Gruffydd estava loucamente apaixonado por Gladys. Agora, isso é uma surpresa, não é? Ele faria qualquer coisa para agradá-la; no entanto, o sentimento não era mútuo e Gladys usava Gruffydd para seus trabalhos sujos, geralmente feitos em troca de quase nada. Quando os cavaleiros partiram para a longa cruzada, Gladys chamou Gruffydd para uma conversa.

Era uma noite de outono quando Nest correu do castelo para seu encontro secreto com Sir Walter.

— Estou indo, meu querido! — ela dizia alegremente ao se aproximar da ponte.

— Sim, sim, eu também — murmurou Sir Walter, aproximando-se.

De repente um sombra surgiu das...umm...sombrias, e um brilho de aço foi visto. Nest gritou e correu em direção a seu amado, que estava com uma mancha escura se espalhando pela frente da sua túnica. Um empurrão para dentro do rio, e a misteriosa figura sombria se esgueirou para fora de cena. Em desespero, a jovem donzela se jogou nas águas furiosas, da mesma forma que o pobre Sir Walter havia partido.

Meses depois, a notícia da morte de sua filha chegou aos ouvidos de Sir Elidir, e ele morreu subitamente de coração partido por uma flecha sarracena que entrou bem no alvo, partiu esse órgão bombeador em dois e saiu do outro lado. Ele encontrou Nest e Sir Walter na margem do Estige enquanto esperavam pelo barco da travessia.

— Ó, olá, filha, meu jovem — ele acenou em direção a Sir Walter — Recebi as notícias. — Um barco se aproximava. — Então, quem irá pagar esse camarada?

— Você deve acompanhar Sir Walter, pai; eu preciso ficar, pois tomei minha própria vida, — disse Nest.

Enquanto isso, de volta aos campos ensanguentados fora das muralhas da Cidade Sagrada, a cabeça de Rhys era separada do resto do seu corpo com a ajuda de uma espada curva muito afiada e de aparência vil. Portanto, Gruffydd se tornou Sir Gruffydd, embora ele não soubesse disso naquele exato instante.

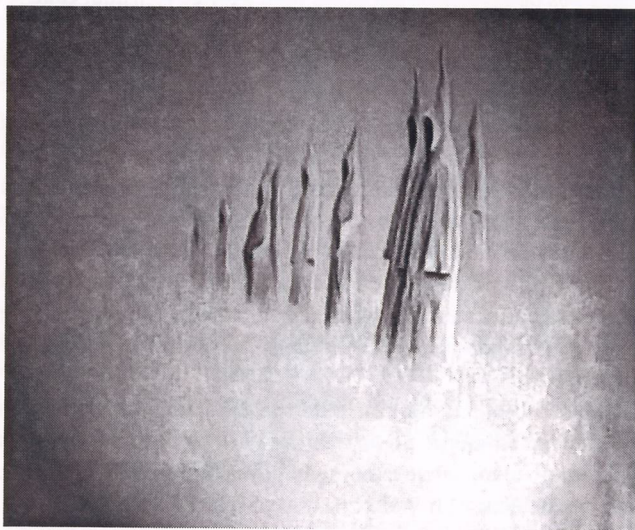
Anos se passaram, Sir Gruffydd casou com Gladys e tiveram pencas de filhos. Após ganhar experiência batendo em todos os camponeses em um raio de três

léguas do castelo, agora ele estava preparado para fazer a jornada que seu pai e irmão mais velhos haviam feito.

Ele lutou bem e por muito tempo na Terra Sagrada, retornando ao castelo de Kidwelly quando estava velho e cansado. Em seu leito de morte, chamou a esposa, Lady Gladys, em seus aposentos. O padre e o médico de sanguessugas também estavam presentes.

— Minha confissão de morte deve ser ouvida. — Gladys estava ansiosa para que ele ficasse quieto a fim de que sua parte na trama de um assassinato não fosse revelada.

— Me perdoe pai, pois eu pequei, é assim? — ele olhou para o padre que acenou para que o velho continuasse. — Eu tenho sido infiel e cometido adultério.



Lady Gladys arquejou.

— Vinte e três vezes com a Rainha do Acre, Adelaide, bem, o velho Baldwin não estava dando conta, preferia rapazes, você sabe que um dia ele...

— Meu senhor, — interrompeu o padre — sua confissão.

— Ah, sim, anos atrás, a pedido de Lady Gladys, eu matei um jovem cavaleiro, só Deus sabe por que, mas desde então o fantasma da minha irmã Nest tem me importunado implacavelmente. Oh, ela não me deixa em paz!

Lady Gladys estava pálida de medo:

— Ele está delirando, não sabe do que está falando.

— Claro que eu sei do que estou falando mulher — continuou Sir Gruffydd.

— De qualquer forma, ela não para de falar sobre como iria se casar com um Sir Mansell ou coisa que o valha e como está condenada a vagar pela terra (e me importunar) até que um Mansell case com uma Dhu, só então ela (e eu) poderá (ou poderemos) descansar em paz. Ah, e eu também tive um caso com a Molly, a empregada da cozinha, ainda ontem mesmo. Sabem do que mais? Estou me sentindo muito melhor, tragam-me uma cerveja!

E de fato Sir Gruffydd melhorou de saúde e viveu ainda por muitos anos, sendo todo o tempo importunado pelo fantasma de Nest. Gladys morreu de algo desagradável logo depois da confissão do marido, assim como o padre e o médico de sanguessugas que se envolveram em acidentes muito infelizes com coisas pontudas e afiadas.

Diziam os habitantes do vilarejo que uma figura branca era vista frequentemente perambulando de maneira desolada por volta da ponte sobre o rio Gwendraeth, que ficou conhecido como Ponte Ysgrêch, a Ponte do Espírito Branco.

Em 1998, em decorrência de uma série de fatalidades, coincidências, encontros e desencontros, Stan Mansell, técnico de Gestão de Resíduos Domésticos, ou em outras palavras, lixeiro, e Edith Black, Operadora Organizacional e de Higiene (faxineira) se conheceram no Miner's Helmet, e depois de um tempo, ou de algumas vezes, enfim, casaram no Cartório da Rua Jenkin em Llanelli.

O espírito branco da Ponte Ysgrêch não foi visto desde então.

Owain das mãos vermelhas

Tradução de Vânia Dall' Aqua Corrêa
vania.dac@hotmail.com

E tinha esse rapaz chamado Dafydd, pastor por profissão, que era um sujeitinho difícil. Seu trabalho era levar criaturas bovinas de Cardigan até Londres, umas 30 léguas de distância, mais ou menos. Foi essa profissão — pastorear um grande número de bestas estúpidas, teimosas e que mugem o tempo todo, sobre montes e dentre vales, cruzando rios e passando por vilas inglesas — que tornou o jovem Dafydd uma pessoa tão esquentada, mal humorada e com caráter maldoso.

Em certa ocasião, em uma nova rota que ele havia decidido experimentar, por entre as vilas de Llandebie e Carmarthen, Dafydd encontrou uma aveleira robusta e nodosa e, com seu machadinho e faca, cortou e esculpiu ele mesmo um forte cajado que podia ser usado para caminhar longas distâncias, ou para arrebentar a cabeça de alguém.

Alguns dias depois, com o gado já entregue e após alguns percalços (um ataque de dragão com duas vacas levadas e devoradas), Dafydd estava sentado sozinho em uma mesa de madeira envernizada na taverna *A Cabeça de Javali*, às margens do rio Tamisa, resmungando a respeito de seu caneco de latão com cerveja quente, choca e gordurosa, que era a mais barata que se servia no *Javali*. Dentre a multidão dos clientes habituais estava o velho mago Myrddin, o homem que os ingleses chamavam de Merlin, porque sempre pronunciavam os dois “dês” errado e ficavam muito envergonhados ao falar “Merdin”.

Myrddin, ao espiar o jovem rapaz de sobrancelhas escuras, sentou-se à mesa e tentou puxar uma conversa civilizada.

—De quais paragens vem esse jovem rapaz de sobrancelhas escuras? — Perguntou ele a Dafydd, em tom amigável.

—De Cymru, País de Gales, o que isso tem a ver com você? — Rosnou

o jovem, apontando o cajado de avelãzeira em direção à cabeça do velho. A taverna ficou em silêncio, no aguardo de um espetáculo. Todos ali conheciam Myrddin.

— Ah! País de Gales! A minha própria terra natal!

E com um movimento repentino, que aos olhos de todos pareceu apenas como um risco no ar, o cajado de avelãzeira foi parar nas mãos de Myrddin, o que deixou Dafydd fervendo de fúria.

— Conheço esse cajado, disse o mago jovialmente. — Esta árvore é uma velha amiga minha.

Dafydd não disse nada, mas sua mão se moveu lentamente em direção ao punhal escondido debaixo de sua túnica.

— Você não acredita em mim, não é mesmo? Continuou o velho, - Não cortou este ramo de uma antiga avelãzeira na trilha que fica a uma légua a leste de Llandebie? Posso ver em seu rosto que sim. — E sorriu mostrando dentes enormes e amarelados.

Vou lhe contar um segredo, jovem Dafydd, porque esse é o seu nome, não é?

Ainda em silêncio, Dafydd relaxou um pouco a mão que apertava a faca, na perspectiva de ouvir o segredo.

— Olhe a seu redor, Dafydd — disse o velho mago.

— Esses homens que você vê, os clientes daqui, são homens de posses, não são?

Olhando em volta Dafydd viu que os homens usavam roupas finas de seda e fios de ouro, não eram os trapos que o povo que costuma frequentar tavernas geralmente usa; eles tinham mãos limpas e cabelos bem aparados, que reluziam com brilhantina, um luxo muito caro. Dafydd, envergonhado, tocou seus próprios cabelos brilhantes, penteados com gordura de ganso e xixi de vaca. Também parecia que cada homem ali carregava, amarrada ao seu cinto, uma bolsinha pesada com moedas. Todos estavam olhando para o pastor jovem e sorumbático e estavam sorrindo; alguns levantaram seus canecos em uma saudação irônica. Os canecos estavam cheios com a melhor cerveja do *Javali*, gelada, fresca e espumante, perfumando o ar com o cheiro de cevada e lúpulo, bem mais cara do que Dafydd poderia pagar.

Myrddin prosseguiu:

— Ouça, rapaz, embaixo daquele exato local, na árvore de onde você cortou seu cajado, existe uma caverna cheia de tesouros. Você gostaria de vê-la?

Agora, claro que Dafydd estava interessado.

— Sim! O que eu tenho que fazer?

— Volte até o local da avelãzeira, - Myrddin o instruiu - Caminhe nem bem duzentas jardas para o leste e irá encontrar uma cabana bem simples. Vá até essa cabana e converse educadamente com o senhor que lá se encontra; pergunte, bem com gentileza, se ele pode lhe emprestar uma pá e uma picareta. Vá até a

avelãzeira e espere até que o sol esteja abaixo do galho mais baixo e lá, embaixo daquele galho, você deve cavar. Logo encontrará a caverna dos tesouros! Vá, jovem, o tesouro está a sua espera!

Dafydd prestou muita atenção, apesar de as palavras “bem educadamente” não fazerem parte de seu vocabulário, e saiu zunindo da taverna como um raio.

Passados três dias, depois de ter roubado a pá e a picareta do quintal da cabana, onde não viu ninguém, Dafydd cavava ao pé da avelãzeira. Depois de vinte minutos a terra fofa desmoronou e abriu-se um buraco profundo em que Dafydd caiu. Quando a poeira baixou e ele conseguiu se levantar, percebeu que estava em uma grande sala iluminada por tochas que queimavam nas paredes decoradas com espadas e lanças, escudos, armaduras e capacetes de guerreiros de eras passadas. Havia muitos baús abertos, jóias e ouro transbordando no chão de tabuões de madeira. Dafydd percebeu que no outro lado da sala havia um guerreiro gigante sentado em um trono de ouro e prata. Por causa da enorme coroa de ouro e do assento luxuoso, Dafydd presumiu que ele fosse um rei, e devido aos altos roncões que emanavam daquela direção, que ele estava adormecido. Em sua mão direita, vermelha de sangue, o gigante segurava uma espada imensa, cuja ponta jazia no chão, duas jardas adiante de si.

O jovem pastor andou na ponta dos pés em direção a um dos baús abertos e só então percebeu vários esqueletos sem cabeça espalhados pelo chão, os crânios separados a várias jardas de distância dos corpos. As órbitas vazias pareciam olhar espantadas, sem entender nada. O rapaz começou a encher seus bolsos com moedas e pedras preciosas, lançando olhares nervosos à figura adormecida e também ao redor de toda a sala. Reparou, pela primeira vez, que próximo a uma parede havia uma mesinha com um livro grosso e antigo, encadernado com algo bem nojento, morto e seco. Sem poder conter a curiosidade, curvou-se sobre o livro e folheou algumas páginas. De repente, ficou chocado ao ver seu nome estampado na primeira página que leu. Tentando se concentrar na história, Dafydd esforçava-se para recordar as aulas de gramática antiga do galês com o irmão Geraint e leu: “Tentando se concentrar na história, Dafydd esforçava-se para recordar as aulas de gramática antiga do galês com o irmão Geraint e leu...” O rapaz soltou um grito de medo e pulou para longe do livro, mas o livro o puxava de volta como um ímã muito forte, que mantinha seus olhos atraídos às páginas; ele continuou com a leitura: “O rapaz soltou um grito de medo e pulou para longe do livro, mas o livro o puxava de volta como um ímã muito forte, que mantinha seus olhos atraídos às páginas.” Ele leu:

“De repente ele deu-se conta de que o ronco havia parado.”

De repente ele deu-se conta de que o ronco havia parado.

“Ele olhou em volta.” Ele olhou em volta e ali mesmo, em pé, à sua sombra estava Owain Llawgoch, Owain das Mãos Vermelhas, o guerreiro gigante, que até 20 segundos atrás dormia um longo sono de 300 anos. Com um só golpe

violento da espada imensa, fez a cabeça de Dafydd rolar ao chão, com um olhar estupefato de surpresa em seu rosto. O sangue esguichava no ar vindo do pescoço aberto do corpo que pertencera ao pastor Dafydd de Cardiganshire. As pernas estremeceram e o corpo caiu ao chão.

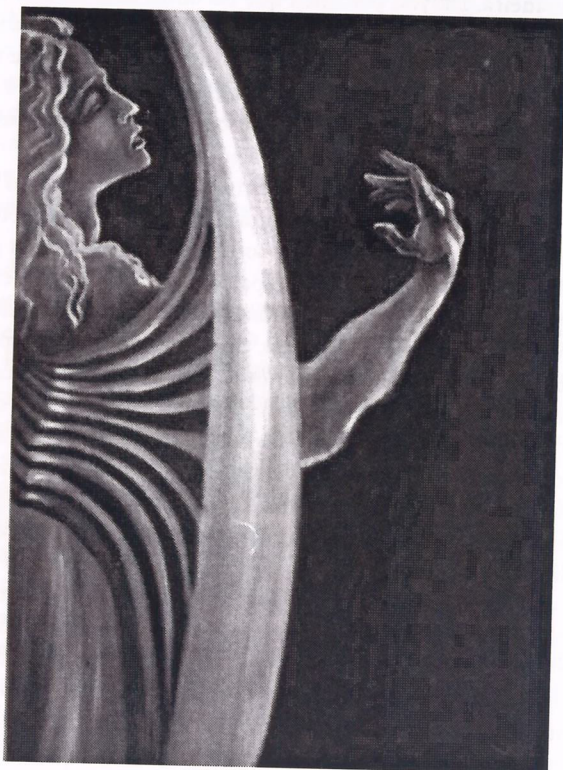
—Quero DORMIR! O guerreiro gigante gritou.

De volta à *Cabeça de Javali*, Myrddin acordou de uma soneca de três dias.

—O que foi desta vez?

Coçou a cabeça como se estivesse tentando se lembrar de algo.

—Ah, sou um idiota! Esqueci de avisar o rapaz sobre livro e sobre o feitiço que mantêm Owain adormecido! Espero que não tenha havido nenhum problema quanto a isso. Bem, tenho que voar agora. Vejo vocês mais tarde, cavalheiros! Levantou-se e se dirigiu à porta.



Welsh folk tales
Retold by Alan Peter Fear



King March was lord of Penrhyn Llyn, he was the owner of hectares of fertile pastures, many fine battle horses, hundreds of head of cattle, pigs and the best hunting falcons in all the land. He lived in Castellmarch, an enormous stronghold of innumerable towers and stone walls so thick that an army of ten thousand *saeson* couldn't breach them. In a word, March was rich, filthy rich – okay so that's two words – but not at all happy. You see, King March guarded an embarrassing secret. It wasn't for any fashion obligation that he wore a very tall crown that nobody could see inside (for crowns are usually open at the top, are they not?).

The only person who knew about the king's secret was the Royal Barber, Bifan. When appointed to his royal duties, Bifan was summoned by the king for a private audience in the Throne Room.

"As Royal Barber, you must swear never to reveal to anyone, what I am about to show you", and with a swift movement, the king removed the tall crown.

"AAAAARRRRRRGGGGHH!", was the barber's first reaction, making a sign of the cross in the air.

"Swear or die now!", said March holding a rather nasty looking pointed instrument.

Choosing the wisest approach, Bifan replied, "I swear, your royal highness, never to tell anyone that your majesty has..."

"Don't say it!", interrupted the king.

And so once a month, Bifan entered the palace to execute his royal duty and once a month faced the king's horror and could tell no one. After some months the barber became accustomed to the work and never more hesitated when March removed his crown, but the fact that he, Bifan, knew the secret

that nobody else knew, aside of course from the king, itched like an insistent flea in his mind. At night Bifan couldn't sleep, he twisted and turned, sweated and grunted and to make things even more uncomfortable, for fear of yelling the secret out in his sleep, Bifan sealed his own mouth shut with a strong sticky tape. If Mallt his wife were to know, the whole neighbourhood would know within an hour!

So of course Bifan got sick, one cannot keep a secret and not sleep for months without getting sick. Mallt begged him to make an appointment with the Good Doctor. The next day the medical authority arrived in the guise of Old Man Prydderch who brought with him a leather brief case full of the latest advances in medical science. However, the leeches scared Mallt and she fell into a faint, Old Man Prydderch treated two patients on one visit – thus earning double – and resolved to take the leeches to any place where there were ladies of a weak constitution. After examining Bifan's tongue and prodding him two or three times in his belly, the doctor couldn't find anything physically wrong.

"I couldn't find anything physically wrong", he pronounced.

Bifan mutely nodded his head.

"But there is something itching in your mind like an insistent flea", the doctor said, without much imagination.

"Well, I've got a secret, it's that..."

"I don't want to know about the king's secret! But take my advice and tell somebody before it drives you mad. Meanwhile, take two leeches every four hours for your nerves."

"Where do I stick them", the nervous barber asked.

"Stick them? We're not in the Stone Age man! Just swallow two leeches every four hours. With sugar if it helps. Three shillings please, two patients and a 3 ounce jar of leeches, thank you!", the old doctor went out the door leaving Bifan wondering who the blazes he could tell the secret to.

Weeks passed, the flea still itched, the leeches had run out and Bifan still had the secret. Then one day, Bifan had the simply brilliant idea of going out into the country, far from anyone, and shouting the secret out to the birds the beasts and the trees, that way it would relieve his itching mind and no one would know about the king's secret! And so, on a beautiful afternoon, the barber, a packed lunch in a sack on a stick, set off on a long walk into the country. He walked for hours and hours whistling a happy melody until he came to a wild spot near a marsh and far from any living person. He unpacked his spam sandwiches and ate his lunch in happy silence leaning against a tree. When he had finished, Bifan decided that the only way to tell the secret was just to yell it all out plainly and honestly as it was. He inhaled deeply, opened his mouth and...

"I don't want to know about the king's secret!", shouted a voice and a man dressed as a shepherd appeared, running behind a flock of sheep. When they

had passed, Bifan waited thirty minutes to see if anyone else would interrupt him then, once again, took a deep breath and shouted at the top of his voice:

"Hey listen! King March has..." and he told the secret. He told it to the birds and the trees, to the wind and the water. Finally the barber was happy and content, the secret told and no one knew. The reeds in the marsh were growing and gently swaying in the breeze. Bifan returned to his task once a month as Royal Barber and the flea itched no more.

Some months later King March held his annual birthday banquet and had invited all the lords and princes of Wales and one or two English barons just to be polite. In order to be sure of unsurpassed entertainment, March's seneschal had contracted the best minstrels and jugglers from around the land, amongst these was Enoc Anderson the Piper, with a name like that he probably came from up North England somewhere, possibly even the Kingdom of Scotland, anyway he was very famous. One fine day shortly before the banquet, Enoc was on his way to Castellmarch for the great event when he happened upon some robust reeds that he decided would make a fine flute. He cut one of the reeds and sat by a tree to fashion it into an elegant musical instrument whilst wondering who was so inconsiderate as to have left packed lunch wrapping paper and what appeared to be left over bits of green spam. When it was ready, Enoc put away his small knife and saw that it was the most beautiful flute

He had ever made and decided that he would play it only at the king's banquet and not before.

Everything was ready. Stuffed full of roast goose, beaver tails and Castellmarch Fine Ale, belching thunderously, the princes and lords eagerly awaited the evening's entertainment. First on were the jugglers, beginning with small round coloured balls, they progressed through sharp knives, flaming torches and for their grand finale, live hedgehogs. After the harpist made everyone cry, King March called on Enoc and the shout went up, "Enoc, Enoc, Enoc!" and even a yell of "Jeth-ro Tull!" was heard, though no one knew what the fellow was talking about.

"Your majesty, your highnesses, my lords and ladies", began the great musician, the guests calmed down, "I would like to play for you a melody that has never before been heard by mortals", he liked to exaggerate a little did Enoc. He raised the bright new reed flute to his lips.

And softly blew. But what was this?! No beautiful melody issued from the reed flute, but instead, a sweet voice singing and telling the king's secret, to the tune of *The Camptown Ladies*! The lords and princes fell over in roars of laughter! The ladies covered their mouths and giggled.

King March was stupefied, and so would you be, he leaped over the table, grabbed a sword from a passing guard and levelled it at the flautist's throat.

"Mercy, your majesty! This is not my doing, it is some magic trickery!" the musician cried.

"Give me that", the king snatched the flute out of Enoc's hands, "I blow, if it sings, you live, if it toots you die!"

The king blew, and out came the singing voice! "O! Old King March has..."

At this point Bifan advanced, "My Lord! I must confess!" and he told of his suffering and of the trip to the country where he had yelled everything to the wind.

"O dee doo dah day!" concluded the flute.

"That marsh is enchanted", said the king, "It's the home of fairies and the Good Folk! A spell! A jest at my expense! I pardon you, good Bifan, and you too Enoc Piper. Now my secret is revealed", and with an extravagant flourish, the king swept off the tall crown, there was a collective gasp from the guests and the lords and princes bellowed with laughter. But the king held his head high, proud and shameless.

From that day on King March walked with pride and never again wore a ridiculous tall closed crown.



Gareth's dance

In the lush green pastures of the wide vale of Llangollen, the young shepherd Gareth tended the farmer's flocks. It wasn't a difficult task, in the early morning Gareth drove the dumb animals to the field and, before sunset, drove them back again. A stout blackthorn branch, stones and the sound of Gareth's flute were enough to scare off wolves, foxes and eagle hawks.

One summer's day, at the end of the afternoon, the young man was returning with the sheep, desperately trying to play a simple tune on his flute, repeatedly emitting high piping squeaks and squeals so that the sheep were running on ahead in order to arrive at the barn and escape the torture. The path to the farm wound its way through Dinas Bran wood, which, some say, was enchanted. On this day, there, as the path entered the wood, stood a very old, small, ugly man. This was the ugliest man that Gareth had ever seen; warty, a huge nose (also warty) long scraggly grey beard (also warty, now THAT'S ugly) and dressed in outrageous tones of yellow and green. On the man's face (aside from the warts) was a smile like the cat in Lewis Carroll's story, except that the cat in Lewis Carroll's story didn't have black, twisted and missing teeth. In one hand was a fiddle, in the other a bow.

"I wish you a very good eve...", the gnome, as Gareth supposed, didn't complete his compliment as, in an instant, he was on his back being trampled by the feet of 30 sheep. When the woolly stampede had passed, Gareth leapt forward to help the old man.

"Mister Gnome sir! I'm terribly sorry...", Gareth started.

"Gnome is it?! (Thptphth, thptphth), I'm no gnome you fool!" the small man screamed, spitting twigs, earth and wool.

"Get your hands off me! Am I THREE FEET TALL?!" he was 4, "Do I have

on my head a RED POINTED HAT?!" he got up from the ground and brushed himself off. The hat was green and had been pointed until the sheep had done a merry dance over it. "Have you, by chance, seen me fishing in someone's GARDEN POND?! Am I, by any stretch of your imagination, UGLY?!" Suddenly the smile returned as if he had remembered something, "I wish you a very good evening young master," he completed the interrupted bow, "If the young master would permit, I would like to play a little music on my fid..." his face fell and he looked to the ground, there the fiddle lay in two parts, the bow in three.

"ARRRRGGH! Gnome indeed!" and the non-gnome stomped off into the trees, "I'll show you gnome!" his voice disappeared into thick woods.

Not in the least bit perturbed, Gareth continued on his way through the woods, over the fields on the other side, until he reached the farm where he found the sheep already huddled in terror in the barn.

The next afternoon, at the same time, the same place, again a noise like an aviary being tortured was heard, Gareth trying to play his flute, then the low rumble of a hundred and twenty sheep feet. When they had passed into the woods with Gareth close behind, the man appeared again in the path.



"I wish you a very good evening young master," he said rapidly, glancing nervously over his shoulder and behind Gareth, "If the young master would permit, I would like to play a little music on my fiddle, erm, I mean harp," in his hands there was indeed a small portable harp, of the type preferred by wandering minstrels. "Would you like to accompany me in a dance?" Gareth

loved dancing as much as he loved playing flute, "Come into the woods where we can dance amongst the trees", the little old man beckoned and the Gareth followed him into the thick woods.

In the twilight filtering through the trees, Gareth saw hundreds of figures approaching, all types of faeries, elves, dwarves and gno – well maybe not. Dressed in all colours, some with butterfly wings, some not dressed at all. The little old man started to play on his harp, an enchanting melody that floated around in the air and tinkled prettily in the young shepherd's ears. The Good Folk began dancing in circles around and around, Gareth found his own feet moving to the melody and then he was away dancing with the rest of them. Who would believe it? Dancing with the faeries,

shepherd boy Gareth! Then he remembered his flute and wanted so much to join in the music. Taking it from his back breeches pocket, he lifted the small tin instrument to his lips - PEEEEEEEEEEEEEP PEEEEEP PEEP PEEEEEEEEEEEEEP PEEEEEP PEEEEEEEEEEEEEP !!

There were screams and shouts of horror and in a flurry and puff of mists and rosy smells, the faeries and the old man were gone. The boy looked around, there was no-one to be seen, he shrugged his shoulders and continued on his way.

"It must have been those 'shrooms I ate," he thought.

Thus, by terrible flute playing, Gareth was saved from dancing for eternity.

And from that day on, no faeries, elves, dwarves, or indeed, gnomes, have been seen in Dinas Bran woods.

In times of old when dragons and elves wandered hither and thither over the lands and knights were supposed to be bold, but were not always so, Benlli was Prince of Powys, a land rich and fertile and abounding in fat content cows – when they weren't being devoured by dragons, that is to say. Prince Benlli, as with all young men of his social class, loved to hunt. The prince was the proud owner of a magnificent steed, the type usually found in this kind of story, and a pack of splendid hunting hounds. Friends were a-plenty – after all he was prince and paid for everything, including Sunday barbecues.

One such Sunday, Benlli and his hunting party, chasing a big fat old boar to roast over live coals for lunch, inadvertently wandered into a part of the woods where they'd never been before. Here the oaks were ancient and dense, dark and scary, the kind of thing you see in a Disney cartoon movie. Ignoring the cries of his friends not to wander further into the darkness, Benlli spurred on his horse until he found himself alone, the frantic shouts echoing through the trees some distance behind. The prince stopped the horse's onward charge and it slowed to a steady trot in the silent gloom, Benlli looked around quite surprised at the sudden stillness. Then as if by magic, a young lady appeared before him, tall and slim in a white gossamer gown, standing a little off the trail with an enigmatic smile on her face. Benlli gaped, twisting his head around to take in every detail of her as the horse passed, not three yards distance; he almost reached the Exorcist-demon-girl angle of head twist.

Five minutes later, when Benlli had recovered and brushed himself off, cursing low branches, she was no longer there. Neither was his horse.

"I must have that lady as my wife", the young prince thought as he walked back in, what he thought was, the direction of the castle, "But how?", he re-

membered that he was already married, "I'm already married" he continued in a monologue with himself, "but my wife's an old bag and ugly compared to the Damsel of the Woods, I must have her".

When he arrived back it was almost night and all the castle was in an uproar because, not only Benlli had been missing for some time but the old ugly... I mean his wife, the princess had also left early in the morning and had yet to make an appearance. She was declared officially missing.

"HURRAH!" exclaimed Benlli, "No, I mean – WOE is me! My loved one, gone forever! I declare a period of mourning."

Thirty seconds passed.

"Okay, cheer up everyone, now I'm going to marry the Damsel of the Woods. Bring my horse, seneschal, I shall fetch her right now."

"My lord," said the seneschal Gildas "You have no more horses, your highness has already lost six horses this month."

"So, away to the town and buy more, let's say ten, go, go! Why are you still here?"

"Your Highness" Gildas explained patiently, "the Royal Treasury is empty, so many barbecues, parties..."

"I have credit at most merchants in the town do I not?", Benlli said.

"Had, your majesty, it's past tense."

"Very well I shall walk into the woods", declared Benlli, "First thing in the morning!"

After a night spent dreaming of the Damsel-in-White-of-the-Woods, and furry pink creatures from far distant lands with enormous trunks and ears, Benlli set off on foot early next morning into the woods.

Four days later, Gildas sighed and began to organise the search party. Already accustomed to such occurrences the search party found the prince in a few short hours, following the trail of candy papers. And Gildas had good news for Benlli.

"The Lady, the Princess has returned my lord. She was only away visiting her mother in Dolgelly and it had slipped her mind to notify anyone, an airhead, just like yourself", the last said under his breath.

Benlli opened his mouth to speak but was interrupted by a commanding voice.

"Then the lady princess must disappear again, for I shall wed the Prince Benlli", it was the voice of a young lady, everyone turned to look and there she was, as beautiful as ever, the Damsel of the Woods, in White, or The White Damsel in the Woods, or the Damsel of the White Woods, whatever, there she was, bold as you like, still with that almost teasingly see-through gossamer gowny white thing, which could loosely be called some kind of clothing.

"My name is Morwen, I am of the Elf Lands", the maiden continued, ignoring their drooling open mouthed stares, "I shall be wed with Benlli under these conditions: first, the Princess, your lady wife, must be banished to far distant

lands and declared undesirable, thus effecting instant divorce. Secondly, once a week, on a night of my choosing, I shall return to the Enchanted Lands, no one may follow me or this accord will terminate in an instant. If these conditions are followed I shall stay young and beautiful for eternity. Oh, and one more thing, close your mouths you morons!"

And so they married and for many years remained very happy, (not "ever after" yet! Wait for it!). The ex-princess, banished to far distant lands and instantaneously divorced, married her lover, well, she never really visited her mother in Dolgelly really, I mean come on! Did anyone believe that?! And once a week Morwen returned to the Enchanted Lands somewhere in the mists of the woods to spend some time with her people.

Many years passed and, as she had promised, Morwen remained young and beautiful, while Benlli became old and fat, but even so, due to his new "Tax for the People Campaign" – "Pay or Die", he was rich once again. However, little by little Prince Benlli grew to be unhappy and wondered why, firstly, how he never became king in this kind of story, and secondly why Morwen still insisted on returning to the woods once a week. He was afraid that she was under an evil spell of the elves, or did she have a lover?

One fine summer's night Benlli was celebrating a victory against an old enemy with a superb banquet. For a total of four hours and twenty three minutes, over a distance of sixty yards, both sides had exchanged the most blistering insults about bodily gasses and favourite aunts, turnips and mothers. Victory was finally gained when one of Benlli's foot soldiers had the brilliant idea of throwing a spear in the direction of the enemy, nobody was hurt, but it scared the enemy and sent them running and grumbling about modern warfare and the arms race.

Among the most distinguished guests of the banquet was a wise old monk named Wylan. Aside from being a monk, Wylan was a great magician, though he kept quiet about that because his superiors didn't much like that sort of thing going on. Wylan guessed that, despite the recent victory, Benlli wasn't happy about something, the permanent frown on the prince's face was a dead giveaway.

"Something worries you, my prince, I can tell from the permanent frown, dead giveaway you know", said Wylan between the 33rd and 34th course.

"It's that woman Wylan, look at here, can you see?", replied the prince, "I'm old, fat and ugly and she stays young and as beautiful as the day I met her. She goes back to the woods once a week, I suspect she has an elf lover, or she is under some evil spell, nobody can follow her or her youth and beauty are ruined", he sighed.

"I think, my lord, I as a great magician can follow her and discover her secret without fear of jeopardizing the spell which maintains her so", Wylan suggested,

"What you need is peace and tranquillity of mind in your old age. I will discover why she returns to the woods, and in return you must give Morwen to me."

The prince thought about this and after careful consideration of what the old monk said about peace of mind in his old age, agreed to give up Morwen. After all, what was the use of having a beautiful strapping young lass if you were a knackered fat old man? Wylan can have her and fret about her weekly jaunts in HIS old age.

And so two nights later, towards dusk, Wylan hid behind a large oak at the edge of the woods and waited for Morwen to appear. Sure enough after a short time had passed, Morwen approached and entered into the shadows, Wylan followed close behind her to see what would happen. As he moved he began to chant his spell which would preserve Morwen and bind her to him.

"Prince Benlli shall have peace, Morwen of the Woods shall be mine". Morwen disappeared into the gloom, Wylan continued, "At sunrise, Morwen must meet me at the monastery chapel and we will be wed!", he went on mumbling in strange tongues essential for this kind of magic.

At dawn Wylan made his way to the monastery chapel where he would be wed, according to his spell theory, to the young and beautiful Morwen of the Woods. As he approached he perceived a hunched hooded figure waiting in the chapel cloisters. Wylan was stepping around the figure in order to enter into the chapel, when the figure turned on him, it was an old withered crone.

"Ahhhhh! Avast hag!" the monk yelled, thinking it a witch come to curse his wedding. "I am to be wed to Morwen of the Woods, I don't want old ugly women ruining our wedding, away with you!"

The old woman smiled, if a smile were possible with three teeth, "That is so, Wylan the Wise, we are to be wed, I am your bride, Morwen of the Woods."

On hearing this the old monk realised that his spell of the previous night had not worked, perhaps he had mispronounced "sanskgksledsdizzgapadgrddonkles", he immediately began a counter spell, "Morwen is to be restored to Prince Benlli!", he reached into his pocket and cast enchanted dust into her face.

"Thpth thpth! Save your painted sawdust for the village folk, your spells don't work with me, in fact you're pretty crap as magicians go Wylan, your spells just don't work, period. I shall go back to Benlli, he'll be happy to see me, you'll see", she turned and walked away.

After dinner, old and sad, Benlli climbed the stone stairs that led to his bedchamber, on opening the door he saw there, sitting on the edge of the vast bed, an old old woman, Morwen of the Woods. Benlli took her back with joy, for he also was now old and ugly, but now happy.

They lived happily, again, not ever after because that only happens in fairy tales, you think this is a fairy tale? They lived for another three years, the happiest three years of their lives and when they died together, embraced in their

vast ancient bed, the castle fell into the earth, just like Usher's place, and waters closed over it forming Llyncllys Lake, on which you can take pleasure rides on small boats to this very day. Some say that if you peer down into the depths you can see the old castle walls. Good fishing there too, I caught a 30 pound trout there once.



The lake of Owain's stone

Near the town of Gorslas in Carmarthen there is a lake, known as Llyn Llech Owain, the Lake of Owain's Stone, this is the story of how it came to be.

Many years ago, round about the same time as Alaric was roasting Honorius' bottom over live coals, there was a spring here, said to be maintained by the fairly folk, who ensured the waters were forever fresh, clear and cold, people came from miles around for the supposed healing qualities of the water. A great stone protected the mouth of the spring from where the water ensued and it was a rule that whoever drank from the spring replace the stone after imbibing.

One hot stuffy summer's day, Sir Owain, one of Arthur's Knights of the famous round table, was returning to his home after a long period on the border lands. Separating *saesson* heads from their bodies was mighty thirsty work and Sir Owain remembered talk of the magic spring in this region, where he and his horse could be refreshed and given new energy to continue their journey west.

"It's just in the next valley, Fluffy", the good knight said to his great fierce black war horse, "Just a few minutes more, we'll soon be there!", he said cheerfully.

Three days and seventeen leagues later, Sir Owain and Fluffy, almost dead from thirst, arrived at the valley of the magic spring, a sign pointing the way up a mountain trail showed the way. After twenty minutes on this path the knight was surprised by a barrier blocking the way and large wooden sign nailed up which read:

WE APOLOGISE FOR THE INCONVENIENCE,
THE MAGIC SPRING IS CLOSED FOR REPAIRS
AND IMPROVEMENTS. WORK BEING CARRIED OUT BY:
GORSLAS MUNICIPAL DEPARTMENT OF WATER AND
SEWAGE WITH PARTICIPATION AND SUPPORT OF THE
VALLEY OF THE MAGIC SPRING FAIRY COMMUNITY

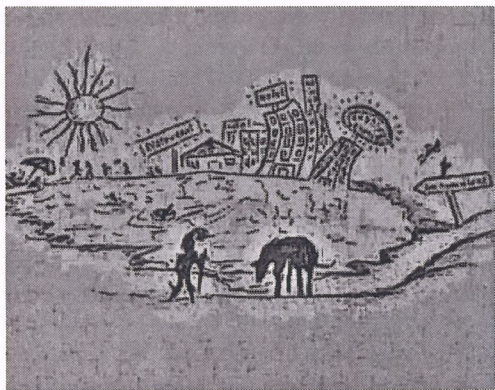
Beside this was a metallic pipe protruding about thirty inches from the ground with a tap attached to the end, a small hand written sign hung over it which said, "Meanwhile, drink this, it's good but it won't cure yer leprosy, sorry". Not to be discouraged, Sir Owain turned on the tap and lay down with his mouth open under a weak flow of brown suspiciously smelling water. He was so tired that he soon turned his head and was asleep. The great horse wandered off and found a pool of fresh rain water.

Sir Owain awoke with a tremendous pain on the top of his head and all his armour gurgling with water, there was an uncomfortable feeling in his tights of something slimy or sticky or both, squirming around his nether regions. Still on his back the knight found himself sliding slowly backward through thick mud. Thinking this may be some kind of Welsh Hades Sir Owain gave out a scream of terror and Fluffy immediately stopped dragging him and let go of his hair. After a great effort to sit up and remove the eel from his underclothing, Sir Owain saw that the entire valley was filled with water.

He heard voices and turned to see the entire population of the town, marching along a mountain path to see what had happened. The eight men, two women and the dog came to an abrupt stop when they saw the lake. One particularly observant citizen yelled, "Look! There's an enormous lake! And who is that beside the lake but Sir Owain the brave knight!"

The very embarrassed Sir Owain began to apologise when the leading member of the community interrupted and said, "Fear not good Sir Owain, we no longer have a magic spring but we have a magic lake! We'll make up some story about you forgetting to replace the stone and we'll call it 'The Lake of Owain's Stone', then we'll build a five star hotel on the site, open a water sports centre, soon that will attract more investors and we'll have more hotels, casinos, restaurants, bars, night clubs..."

Sir Owain walked quietly away leading Fluffy by the reins.



Prince Llewelyn's hunting dog

One of the greatest princes of Wales of all times was Llewelyn ab Iorwerth ab Owain, or Llewelyn Fawr, which means Llewelyn the Great; few monarchs have earned this appellation, Llewelyn shares it with Alexander of Macedonia, Charlemagne of the Franks and his own ancestor, Rhodri Mawr. Llewelyn was prince in the time when Princes of Wales were *Welsh*, and not English as they are today.

Our prince lived in a huge stone castle in the heart of The Land of Song, the army led by John Lackland of England had tried and failed several times to bring down the walls of Llewelyn's castle and the prince and his men had pursued the English all the way back to Offa's Dyke with their tails between their legs.

Llewelyn Fawr's wife was the beautiful lady Joanna, the daughter of aforementioned John, how she came about to be the Welsh prince's wife is a story that is told elsewhere, suffice to say that she denounced her nationality and turned her back on her nasty father, who was also known as Softsword, an allusion to his lack of prowess in battle (or perhaps the ladies named him that for other reasons we needn't go into here). Their first son, a baby of 3 months, was named Dafydd, the future prince.

In times of peace, when he wasn't chasing the English around the hills, Llewelyn liked very much to hunt. When he could, he and his men hunted wolves and dragons, but there wasn't much meat on a wolf in the winter and dragons were tough and sinewy and getting rarer and rarer each year; so they were content most of the time with rabbits and deer. Always accompanying the prince on his hunts were his hounds, Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan and his favourite, Gelert. Gelert was an enormous hound of Irish breed, trained especially to hunt the largest beasts of the forest, he wasn't much content with rabbits and deer. Gelert, friendly and faithful, had saved the prince when the hunting party was

attacked by an enraged wild boar. The hound had leapt forward and caught the monster by its throat and crushed the boar's trachea before it could open the prince's belly with its razor tusks.

When the snow covered the hills in its soft white blanket and small furry creatures left their nests under trees only when they were extremely hungry in order to scratch the whiteness away to find insects, sticky grubby things or anything green; and when the wolves howled at the moon, competing with the wind, and became more and more courageous from hunger, Llewelyn and his companions and dogs liked to go into the forest to find anything soft and furry, kill it and make a barbecue and a fine coat or hat, depending on the size of the soft and furry creature. Occasionally, if he were feeling in a jolly mood, the prince would let the hounds rip the rest to pieces.

It was on such a day when the snow covered the hills in its soft white blanket, etc., etc., early morning when everyone was still under the furs in the great hall of the castle, Llewelyn was already awake and breaking his fast on salted dragon meat and decided that today would be a good day for a hunt. He called the dogs to him.



"Don, Juno, Seren, Morwen, Dylan, Gelert! Come on you stinky fur balls, it's time to go find something to eat."

They came running like a fur hurricane. Llewelyn called the roll:

"Don!"

"WOOF!"

"Juno!"

"ARF!"

"Seren!"

"WARF!"

"Morwen!"

"ROF!"

"Dylan!"

"Present!"

The prince looked up sharply.

"WOOF!"

Llewelyn frowned before continuing, "Gelert!"

This time there was no answer, probably still under the blankets, Llewelyn thought, not interested in rabbits, he deserves a rest. Anxious for the hunt, the prince resolved to go out without his favourite hound, he kicked his men out of their sleep and when all was ready they set off through the castle gates – wide open since the nearest Englishman was 50 leagues distant – and into the woods.

The hunt went well, four rabbits, big Sunday stew; two crows, a small pie; and a mole which would make a nice afternoon tea and one glove, the other would have to wait until another mole could be found.

At the entrance to the castle, the great dog Gelert came bounding down the stone stairs to greet his master. When he came closer, Llewelyn saw that the hound's jaws and teeth were dripping with blood.

"But what is this Gelert?! What has happened?"

The dog, happy to see its owner, just grinned like only dogs can, but with bloody teeth, and wagged its tail so hard its back end also went that way. Gelert looked at his master adoringly with big shiny friendly eyes, its tongue lolling out and dripping blood.

Llewelyn looked up to the top of the stairs to see the nursery door open, where his son slept. With a shout of horror, the prince took the stairs in four strides, he reached the nursery door and looked inside, what he saw made his blood freeze. The room was a mess of overturned furniture and blood, blood everywhere! Dafydd was nowhere to be seen.

"What have you done dog? What have you done?!"

In a blind rage, Llewelyn unsheathed his sword and in one swift movement sunk it into faithful Gelert's side. The dog whimpered, looked at the prince with big sad eyes and sank to the floor, dead.

There was the tiniest of squeaky sounds, a little cry, in the corner of the room. Llewelyn look up from the corpse of his favourite hound, there was the baby's cradle, overturned and bloody sheets spread around. In an instant, Llewelyn turned the cradle over.

There, under the cradle was the baby prince Dafydd, asleep and unharmed and making little noises in a dream of breast-milk. Beside the baby was the body of a huge old grey and black wolf, its trachea crushed as if from a mechanical iron vice and its fur matted with the blood of wounds of bites of a very large dog.

Prince Llewelyn never recovered well from the loss of his favourite hound Gelert, he did the best he could to preserve the memory of the faithful dog and made a beautiful fur hat that he never removed even on the hottest of days. The rest of the body of the dog was buried with full honours of a brave warrior.

Dear tourist, as you travel through Wales today in your rented car, take an afternoon to visit the north-west, drive around the gentle curves of the hills of Snowdonia, carefully now. There, a little north of the town of Porthmadog, on the A498, just south of the junction with the A4085, stop your car a while at the little village of Beddgelert, get out, follow the footpath across the meadow, after some yards you will come across a cairn of stones, erected above one of the bravest dogs in history. Bedd Gelert, the Grave of Gelert.

Gwin and the pot of gold

All the children were out playing and called to Gwyn,

"Come and play Gwyn, we're going to throw Dewi in the river!"

But Gwyn the miller's son didn't follow the other children, he wanted to climb the hill where, the previous day, he had found two golden coins on which were engraved strange and enchanting patterns.

"They are fairy coins!", his mam had said, "We'll have ten years of bad luck if you bring those things in here – for each coin! I'll throw them in Morgana's well, she's an old witch and deserves it!"

That same night, Gwyn's mam sneaked out of the house and taking the coins from under a stone where she'd left them, threw them into the well of the neighbour, widow Morgana, Dewi's mam.

Now, altogether disappointed, Gwyn returned to the hill and began to look for more of the strange coins. It was then he saw a funny little man in yellow and blue with a huge flower in his hat.

"Come with me Gwyn, I'll show you where you can find more gold coins! Come, come!"

A little nervous but anxious to see the coins Gwyn followed the elf into a cave in the side of the hill.

For ten long years nothing was seen of Gwyn in the village.

One fine day Gwyn's mam, old and sad with grief, opened the front door of the house, and there was Gwyn on the doorstep! Not a year older than the day he had disappeared! His mother called out.

"Gwyn! Gwyn's back! Ifan Miller! Gwyn's come back to us!"

Gwyn's father appeared at the door.

"But this is a child, our Gwyn must be about twenty years old now!" he said.

Gwyn, hardly recognizing his own mother and father answered.

"It's me pa, Gwyn, what happened? I slept all night in a cave in the hills after a fairy banquet", he looked up and saw Widow Morgana's house.

"What's happened to Widow Morgana's house? It's so big and new!"

The neighbour's house was now an enormous mansion at the side of which were three great barns which appeared to be bustling with activity with men running in and out pushing and pulling great trolleys full of bottles of water. In front was a huge sign which pronounced:

WIDOW MORGANA'S SPARKLING MINERAL WATER.
EVERYTHING ELSE ISN'T!
PUT A LITTLE SPARKLE IN YOUR LIFE!

At that moment the widow herself appeared at the door, dressed in a beautiful expensive gown, followed by a youth of 20 or so.

"Yooooo Hoooo, Gwyn's mam! How are you today? But who's this young lad, looks like Gwyn himself!" and laughed a high pitched screechy laugh.

"Come on Dewi, we can't be late for afternoon tea with the queen", they got into a golden carriage pulled by six snow white horses.

"Come inside Gwyn my son, don't pay any attention to her", Gwyn's mam, led the way to the fireplace. Inside Gwyn explained how the day before, or ten years ago which in fact was the case, he had followed an elf into a hole in the ground, had a feast and fell asleep on a bench, when he awoke, he found himself on the dewy grass on the hillside and had walked home. Mam and pa were sad to hear Gwyn's story but happy and content that he was finally home.

Some days passed and Gwyn heard his mam and pa talking in the kitchen.

"I'm out of work dear, the English have burned all the wheat" pa said.

"But we don't have any money, what are we going to do?" mam asked.

"There's always the treasure at Pentyrch, the pot of gold", he laughed without humour.

"Oh don't be silly Ifan Miller, that's fairy treasure, and as we all know, fairies don't exist!"

"Yes they do!" Gwyn entered the kitchen, "Tell me about the treasure of Pentyrch, pa!"

Ifan the Miller told the story of the great treasure of Pentyrch which was just a legend passed down from generation to generation.

"The treasure doesn't exist as a matter of fact. You know that great crag at Pentyrch? There's a pot of gold under it" concluded pa.

"Let's try to find the treasure, mam, pa!" cried Gwyn excited by the prospect.

"It would be a wild goose chase son; the treasure isn't there, besides nobody can move the crag to get it!"

"Let's try please, let's try!" insisted Gwyn.

Gwyn went on and on about the treasure and about how they should try

that in the end mam and pa gave up and agreed that the next day they should take Benno the mule and push and pull the great crag until the treasure, which isn't there, is revealed.

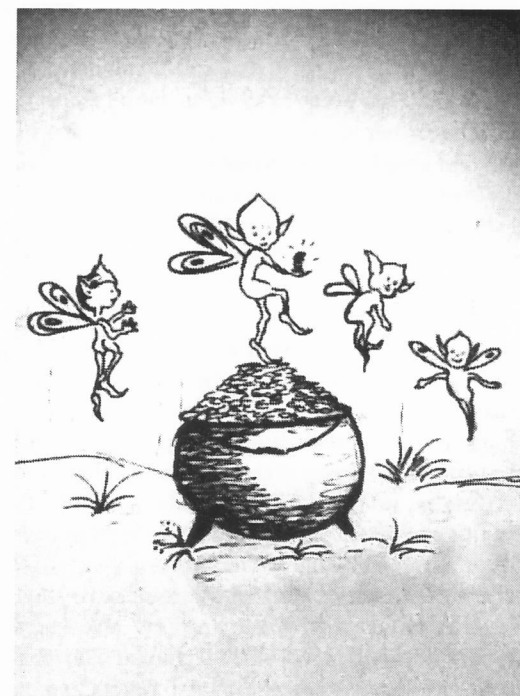
And so the next day, mam, pa, Gwyn and Benno set off from the house on the two hour walk to Pentyrch. On the way they met with several village folk and neighbours, who enquired of their adventure.

"We're going to get the treasure at Pentyrch!" said Gwyn, before his pa could shut him up.

"HOHOHOHO!" laughed the neighbours, "the treasure at Pentyrch? That old tale that our grannies used to tell us?!"

When they arrived at the crag, word had got round and there was a crowd waiting to watch the miller's family make fools of themselves, and also waiting for a share of the treasure.

Ifan got to work immediately and harnessed old Benno to the crag the size of a house. When all was ready, the mule in the valley bellow, the small family braced behind the crag, they started to heave. Push! Pull! With each heave the crowd yelled, "HEAVE!" and roared with laughter. "HEAVE!" after 20 minutes, things were getting boring.



"I've had enough of this, I'm off." One chap in the crowd said and they all started drifting away. At that very moment the slightest grinding scraping sound was heard, the crowd froze. Excruciatingly slowly the great rock moved an inch, the crowd rushed back to get a good look. Inch by slow inch the crag scraped over the ground, then there was a great crash and the whole thing went tumbling into the valley below, crushing poor Benno to death. The earth was exposed, and there it was – where the great rock once stood – mud! Not a single pot of gold.

"Fools!" someone said and the crowd dispersed and went off home.

"Oh well" Gwyn said, "We still have that big sack of diamonds I brought back from the fairy cave".

And they lived happily ever after.

The bridge of the white spirit

On the south west coast of Wales is built the castle of Kidwelly, its thick ancient walls an unbreachable barrier that had stood the test of many a Saxon army who threw themselves in vain against the hard cold stone. Later the Normans did the same.

Inside these very same walls lived Sir Elidir Dhu, his two sons, Rhys and Gruffydd and his daughter, the lovely Nest, lovely but a bit *twp* and she talked an awful lot. A whole bunch of other people lived there also of course, but we don't need to be concerned about them. Except perhaps, Gladys, she was Nest's cousin who's father had died in a fierce battle obliging his wife and daughter to live at Sir Elidir's expense. So Elidir's sister-in-law lived there as well then. Gladys was horribly envious of Nest as all the young men of the castle (yes, alright, they lived there too!) and young, single visiting nobles, hovered around Nest as bees around those large fermenting pots of wine from distant lands, and paid little attention to small, plain Gladys. So envious was Gladys that she played nasty tricks, though Nest believed her a friend. Nest never understood how small frogs suddenly appeared in her wine goblet or how her hair brush became sticky with honey, or how, one summer's evening, her bed was full of cockroaches. She never saw Gladys sniggering maliciously behind her hand.

Anyhow, Nest had a secret. She was in love with a Norman knight named Sir Walter Mansell. They met when Sir Walter and his knightly friends were raiding a village outside Kidwelly castle walls. Nest was buying pigs at the market for Sunday's barbecue when the raiding party, led by Sir Walter, hit the village. Immediately Nest was impressed by the way this knight bashed the heads of innocent poor peasants. On recognising Nest as a noble personage by the fact that she wasn't covered in dung like the rest of them, Sir Walter had the brilliant idea of kidnapping her and demanding a ransom.

A week later, Sir Walter was fed up with his noble hostage. She didn't stop talking. About marriage, clothes, babies, decorating the castle. The Norman knight was so fed up that he paid Elidir an undisclosed amount to take Nest back. Nest, however, refused to go and would only return to Kidwelly Castle when Sir Walter promised to meet her once a week, in secret, at the White Bridge over the river Gwendraeth, like a princess in a fairy tale. In order to be free of her from his home, Sir Walter agreed, thinking that maybe he could devise a plan later to get out of it. And so the meetings began and usually went like this: always at dusk, Sir Walter would carry out his duties, three chaste kisses on each of Nest's cheeks, performed with much embarrassed "ahem" and "arr", while he listened to the young lady speak of the wedding banquet that she had planned, even though Walter had said quite frankly, "Look now Nest, you are a sweet girl, but I'm afraid we cannot marry, you see I am Norman, the sworn enemy of the Welsh". Nest smiled, her eyes shining.

After the forth meeting, they were spied upon by Gladys and she began to plot a plan, or plan a plot, or, anyway, think about something mean that she could do.

Around about this time, things were heating up in the Middle East, as they usually do throughout the ages. The Saracens were at the walls of Jerusalem shouting obscenities and farting thunderously in the direction of the Holy Sepulchre. The cry went up amongst those of Christian faith across Europe, "To arms, another crusade!"

"God's Ribcage! Guinevere! Where's my chainmail?!" and "Don't forget to take clean underwear!" was also heard across Europe, but that's not recorded in history.

Kidwelly Castle was in an uproar with preparations.

"Daddy dear, don't forget to take clean..."

"Yes, yes, I know, have you done my cheese sandwiches? You didn't put pickles in them did you? You know pickles give me wind."

"But I think we need...", began squire Gwyn.

"That's enough! And where's my chainmail?!" shouted Sir Elidir, red in the face, "Now everybody listen to me! While I am not here, young Gruffydd is responsible for the castle, the Lord help us!", this brought groans of protest from Gruffydd.

"Shut up young man, your sword arm is like a wobbly eel and you have as much battle sense as a squashed turnip", growled the father, justifying his decision not to take his younger son, "I think I can trust you to take care of a castle full of women, old men and children" (a whole bunch of whom were living there as mentioned above), "Rhys here comes with me, at least he shows potential."

Unknown to everybody in the castle, everybody that lived there that is, all of them, whole crowds of people lived there, unknown to them, Gruffydd

was passionately in love with Gladys, now that's a surprise isn't it? He would do anything to please her, however, the feeling wasn't mutual and Gladys used Gruffydd for dirty deeds, usually done dirt cheap. When all the knights had left for the long crusade, Gladys called Gruffydd for a long conversation.

It was an autumn evening when Nest hurried from the castle for her secret meeting with Sir Walter.

"I'm coming my darling", she called happily when she was nearing the bridge.

"Yes, yes, me too", muttered Sir Walter approaching from the other direction.

Suddenly a shadow sprang out from the, uhm, shadows, and a glint of steel was seen, Nest screamed and rushed forward to see her lover, a dark stain spreading over the front his tunic, pushed into the river, the mysterious shadowy figure ran from the scene. In despair the young maiden threw herself into the raging waters, the way poor Sir Walter had gone.

Some months later the news of his daughter's death reached Sir Elidir's ears and he died suddenly of a broken heart. Of a well aimed Saracen arrow, that cleaved this pumping organ clean in two and came out the other side. He met Nest and Sir Walter on the banks of the Styx as they waited for the ferryboat.

"Oh hullo, daughter, young man," he nodded toward Sir Walter, "I'd heard the news", a boat was approaching, "Who's going to pay this fellow then?"

"You are to accompany Sir Walter, father, I am to stay for I took my own life", Nest told him.

Meanwhile, back in the bloody fields without the walls of the Holy City, Rhys's head was being separated from the rest of his body with the help of a very sharp nasty looking curved sword. Thus Gruffydd became Sir Gruffydd, though he didn't know it at that exact point in time.

Years passed Sir Gruffydd married Gladys and they had loads of kids and, after gaining experience by beating up all the peasants within a three league radius of the castle, he was now prepared to make the journey his father and older brother had made.

He fought well and he fought long in the Holy Land and returned to Kidwelly castle old and tired. On his deathbed he called his wife, the Lady Gladys, to the chamber; the priest and leech doctor were already present.

"My dying confession shall be heard", Gladys was anxious for him to shut up lest her part in an assassination plot should be revealed.

"Forgive me father for I have sinned, is it like that?" he looked at the priest who nodded for the old man to continue, "I have been unfaithful and committed adultery," Lady Gladys gasped, "Twenty three times, with the Queen of Acre, Adelaide, well, old Baldwin wasn't up to it, preferred boys, you know one day he..."

"My Lord", the priest interrupted, "Your confession."

"Oh, yes, and years ago, at the Lady Gladys's request, I killed a young knight, heaven knows what for, but since that time the ghost of my sister Nest has been nagging me, relentlessly, oh she won't let me in peace!"

Lady Gladys was white with fear, "He is delirious, doesn't know what he's talking about", "Of course I know what I'm talking about woman", Sir Gruffydd went on "Anyway, she goes on and on about how she was going to marry some Sir Mansell some-one-or-other and how she is doomed to walk the earth (and nag me) until in years to come a Mansell shall marry a Dhu, only then she (and I) will be at peace.

Oh, and I had an affair with Molly the kitchen maid too, just yesterday, and you know what? I'm suddenly feeling much better, bring me ale!"

Sir Gruffydd indeed improved of health and lived for many more years, and all the while being nagged at by the ghost of Nest. Gladys died of something nasty shortly after her husband had confessed, so did the priest and leech doctor who both met with unfortunate accidents involving sharp pointy things.

It was said by the villagers that a white figure was often seen walking listlessly over and near the bridge over the river Gwendraeth which became to be known as Pont Ysgrêch, the Bridge of the White Spirit.

In 1998, through a series of mischance, coincidences, encounters and mis-encounters, Stan Mansell, Household Waste Management Technician, or in other words, bin man, and Edith Black, Hygiene and Organizational Operator (cleaner) met at the Miner's Helmet, and after a time, or a few times anyway, they married at Jenkin Street Registry Office in Llanelli.

The white spirit at Pont Ysgrêch hasn't been seen since.

Owain of the red hand

Now there was a lad, Dafydd by name, a drover by trade, nasty young fella. His job was to take a lot of bovine creatures from Cardigan to London, around 30 leagues or so of distance. It was this profession, herding a large number of stubborn dumb mooing beasts over hill and under dale, across rivers and through English villages that made young Dafydd bad tempered and of an overall mean character.

On one such occasion, on a new route he thought he'd try out, through the village of Llandebie in Carmarthen, Dafydd spied a stout knobbly hazel tree and with his short axe and knife cut and sculpted himself a firm staff for walking long distances or for breaking heads.

Some days later, the cattle delivered with very few losses (one dragon attack – two cows carried away and devoured), Dafydd sat alone at a stained wooden table in The Boar's Head on the banks of the Thames, grumbling over his pewter pot of warm flat greasy ale that was the Boar's cheapest. Amongst the scattering of other usual customers there was the old wizard Myrddin, the man the English call Merlin because they always got the pronunciation of the double d wrong and were too embarrassed to say "Merdin".

Myrddin, on spying the young lad with the dark brow, sat at the table and tried to open a civil conversation, "From what lands are you, young lad with the dark brow?", he asked Dafydd in a friendly tone.

"Cymru, Wales, what's it to you?" the youngster growled pointing the hazel staff at the old man's head. The tavern became silent in anticipation of a spectacle. Everyone there knew Myrddin.

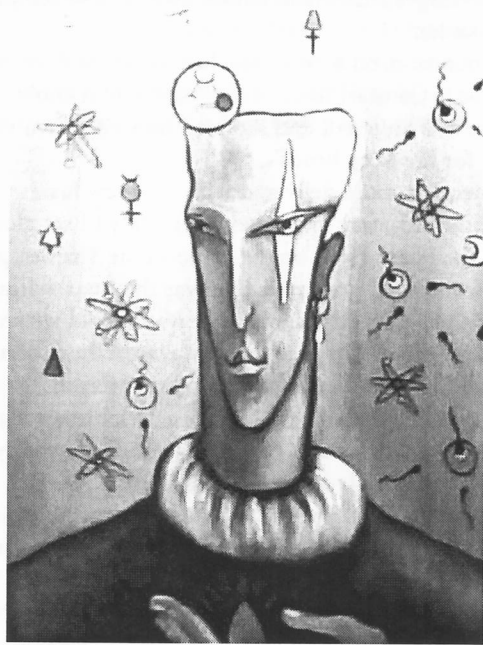
"Ah! Wales! My very homeland!", with a sudden strike that everyone saw as just a blur, the hazel staff was in Myrddin's hands, Dafydd's face boiled with fury.

"I know this stick", said the wizard jovially, "The tree is an old friend of mine", Dafydd said nothing but his hand moved slowly toward the dagger concealed beneath his tunic.

"You don't believe me?", continued the old man, "Didn't you cut this limb from an ancient hazel on the trail one league east of Llandebie? I can see from your face that you did", he smiled showing enormous yellow teeth, "I'll tell you a secret young Dafydd, for that is your name is it not?"

Still silent, Dafydd relaxed his hand from the knife a little at the prospect of hearing a secret.

"Look around you Dafydd", the old wizard said, "these men you see, the clients here, they are rich men, are they not?", looking around Dafydd saw that the men wore fine clothes of silk and gold thread, not the usual tavern folk rags, they had well groomed, clean hands and hair, which shone with brilliantine, an expensive luxury, Dafydd self-consciously touched his own shiny hair, greased with goose fat and cow pee. It seemed also that each man there carried, tied to his waist belt, a small pouch heavy with coin. Everyone was looking at the grumpy young drover and grinning, more than one man lifted in his tankard in an ironic salutation, the tankard filled with Boar's Best Ale, chilled, foaming and fresh, perfuming the air with wafts of barley and hops, and well out of Dafydd's price range.



Myrddin went on, "Listen young man, beneath that exact place, the tree where you cut your staff, there is a cavern full of treasures, would you like to see it?", now of course Dafydd was interested, "Yes! What do I have to do?"

"Go back to the place of the hazel tree" Myrddin instructed, "not two hundred yards distance to the east you will find a simple farm cottage, go to this cottage and speak very politely to the gentleman you will meet there, ask, very politely, to borrow a spade and pickaxe. Go to the hazel and wait until the sun is below the lowest branch and there under that branch you will dig. Soon you will find the cave of treasures! Go young man, the treasure is waiting!"

Dafydd took all this in, though the words "very politely" did not belong in his vocabulary, and was out of the tavern in a shot.

Three days later, having robbed a spade and pickaxe from the yard of the cottage, without seeing anybody, Dafydd was digging at the base of the hazel tree. After twenty minutes the loose soil collapsed inwards and Dafydd fell into a deep hole. When the dust cleared and he had picked himself up, he found himself in a large room illuminated by burning torches on walls decorated with swords and spears, shields and armour and helmets of warriors of ages past. On the floor were several open chests, jewels and gold coin spilling out onto wooden floorboards. At the far end of the room Dafydd perceived a giant warrior sat on a throne of gold and silver. In his right hand, red with blood, the warrior held an immense sword, the point of which rested on the floor two yards to the king's front. From the enormous gold crown and the fancy seat, Dafydd presumed he was a king, and from loud snores emanating from that direction, apparently sleeping.

The young drover tip-toed across the floor toward an open chest, then for the first time noticed numerous headless skeletons scattered about, the skulls detached several yards from the bodies, the gaping eye sockets staring in amazement and incomprehension. The boy began to fill his pockets with coins and shiny stones, casting nervous glances at the sleeping figure and around the room. He noticed for the first time, against one wall stood a small wooden table on the top of which was a large ancient book, bound in something nasty, dead and dried. Unable to contain his curiosity, he crept over to the book and opened it a few pages, he was suddenly shocked to see his own name leap out from the first page he glimpsed at. Concentrating on the script, Dafydd struggled to remember his classes of Old Welsh Grammar with Brother Geraint, and read: "Concentrating on the script, Dafydd struggled to remember his classes of Old Welsh Grammar with Brother Geraint, and read", the boy yelled out with fright and leapt back away from the book but it was like a strong magnet pulling his eyes to the pages, he continued to read: "the boy yelled out with fright and leapt back away from the book but it was like a strong magnet pulling his eyes to the pages", he read on, "Suddenly he was aware that the snoring had stopped",

suddenly he was aware that the snoring had stopped, "he span around", he span around and there standing over him was Owain Llawgoch, Owain of the Red Hand, the giant warrior, who until 20 seconds ago had been sleeping a long sleep of 300 years. With one violent strike of the broad sword Dafydd's head was rolling on the floor, an idiot look of surprise on its face. Blood squirted into the air from the open neck of the body of what was once Dafydd Drover from Cardiganshire, the legs wobbled and the body collapsed onto the floor.

"I want to SLEEP!", the giant warrior yelled.

Back at the Boar's Head Myrddin awoke with a start from a nap of three days.

"What was it now?", he scratched his head as if trying to remember something,

"Ach, *twp*, am I. I forgot to tell the lad about the book and the spell to keep Owain asleep! No harm done I suppose. Well, have to fly, see you gentlemen later!"

He got up and headed for the door.

Contextualizações

A Palavra do Bardo

Alan P. Fear

Tradução de Sandra Sirangelo Maggio

Desde os ricos vales do sudeste de Gales até os cumes rugosos dos montes da Snowdônia, contos folclóricos vêm sendo repassados por tradição oral, de geração em geração, remontando a tempos que precederam a época em que a *Pax Romana* obrigou as tribos celtas a pararem de brigar entre si. Cada uma desses grupamentos britânicos, fossem eles os Silures, Demetae, Ordovices ou Deceangli, tinha no centro de sua cultura a figura do bardo, cuja função era preservar a memória e a identidade da tribo. O bardo contava e recontava a história local cantando em verso a grandeza do seu líder em contraste com a pequenez do chefe inimigo – era assim que se fazia propaganda política naqueles tempos. O bardo recitava de memória as genealogias e a história de cada família enquanto entretinha a todos com mitos e contos populares. Essa tradição bárdica están a raiz de toda a narrativa e ainda persiste, em formatos variados, na literatura dos dias hoje.

No livro *Welsh Folk Tales* (Contos Folclóricos Galeses), Robin Gwyndaf aponta quatro fatores para a vitalidade persistente da narrativa folclórica galesa. O primeiro é a natureza solidária das comunidades, que talvez derive da necessidade de prover pela própria subsistência, pelas formas de entretenimento e pela preservação de sua identidade cultural. O segundo vem do fato de Gales ser composto por comunidades pequenas e próximas umas das outras, o que facilita a transmissão de boas histórias. Em terceiro lugar, uma história bem contada sempre foi uma das principais fontes de entretenimento, especialmente antes da era eletrônica. E, por fim, há sempre a natureza informal das sessões de contação de história. Quando duas ou mais pessoas se encontram, é inevitável que troquem novidades e que troquem histórias. Isso acontece tanto nas ocasiões informais quanto nos encontros de trabalho. (GWYNDAF, 1989, p. 13).

Muitas dessas histórias antigas foram preservadas e hoje chegam a nós através da media escrita, como as coleções de manuscritos medievais *Llyfr Gwyn Rhydderch* (O Livro Branco de Rhydderch) e *Llyfr Coch Hergest* (O Livro Vermelho de Hergest), que datam do século XIV em sua versão escrita, mas são de fato muito mais antigos em seu formato oral. No século XIX Lady Charlotte Guest os traduziu para a língua inglesa num apanhado cujo título é *The Mabinogion*. Ali se encontram algumas das mais antigas referências às lendas Arthurianas. Há também os *Manuscritos Peniarth*, que datam do século XVI e podem ser visitados na Biblioteca Nacional de Gales. Outras histórias chegaram até nós por meios diversos, como é o caso da lenda *Leir of Britain*, contada pelo monge Geoffrey de Monmouth em latim, no século XII, no seu *Historia Regum Britanniae* (História dos Reis Bretões), e que foi mais tarde recontada como o *Rei Lear* por Shakespeare. Outras ainda foram coletadas por folcloristas e publicadas ao longo dos anos em coleções de contos folclóricos que se encontra com tanta facilidade em lojinhas para turistas e centros históricos do País de Gales.

Oito dentre as mais conhecidas dessas histórias foram aqui recontadas, a partir da releitura da coleção *Folk Tales of Wales* [Contos Galeses] compilada por Eirwen Jones em 1947. Procurei me ater à linha do enredo, mas me permiti o prazer de usar e abusar da licença poética para transmitir o recado à minha maneira. Espero não ter exagerado. Pelo menos, acho que não introduzi mostros marinhos, nem vampiros, nem zumbis a ponto de criar “*mash-ups*” pós-modernos. Só me empolguei um pouquinho, aqui e ali, soltando a imaginação e deixando o tom dos contos bem-humorado.

Espero que tenham apreciado o esforço.

Alan Peter Fear
Agosto de 2011.

Referências

ASH, Russel. *Folklore Myths and Legends of Britain*. Reader's Digest Association, London. 1973.

GWYNDAE, Robin. *Welsh Folk Tales*. National Museum of Wales, Cardiff. 1989.

JONES, Eirwen. *Folk Tales of Wales*. Gomer Press, Llandysul. 1978.

O tradutor e sua visibilidade

Rosalia Neumann Garcia

Em *A Tarefa do Tradutor* Walter Benjamin revela que em uma obra literária há algo de misterioso, poético e indecifrável, que coloca um dilema para qualquer tradutor. Deve esse tradutor ser poeta também para que possa levar a cabo a tradução de uma obra literária? Com essa idéia em mente, Benjamin também se pergunta se seria possível encontrar o tradutor mais adequado para fazer uma tradução específica entre leitores de uma obra. O que gostaria de destacar aqui é essa visão do tradutor como leitor, já que para muitos leitores de obras traduzidas, o tradutor é inexistente; jamais é visto como mediador entre a obra fonte e a obra alvo, quanto menos leitor de carne e osso, pertencente a um determinado contexto cultural. Magicamente, aquela obra parece nunca ter tido outra forma a não ser a da língua do leitor. Para Benjamin, apesar de sua preocupação estar mais voltada para a traduzibilidade ou não de um texto, o fato de ele ter tocado na existência do tradutor como leitor da obra original é significativo.

Antoine Berman, outro importante estudioso da arte de tradução, define a tradução como “a prova de estrangeiro”, pois estabelece uma relação entre o que é da própria língua, aquela para a qual a obra foi traduzida, e a obra estrangeira, vinda de um contexto estranho. Essa relação permite que a cultura alvo faça um movimento em direção àquilo que é estranho, se abrindo e permitindo que o estrangeiro penetre o familiar, o próprio. Berman também se refere a um elemento da obra estrangeira que é seu cerne, aquilo que pertence a si mesmo de forma mais próxima, enterrada, mas que também é o mais distante de si mesmo. Ou seja, assim como para Benjamin, para Berman existe algo poético e misterioso, que desafia o tradutor, mas que também desafia o leitor do original. Assim sendo, o que fazer com esse elemento estranho, de difícil acesso e tradução? Berman sugere que se destaque a estranheza do texto, que a língua original se mostre e entre em choque com aquela em que está sendo convertida. De alguma forma,

vai haver um acoplamento, um encontro de elementos que pode desafiar tanto a língua de origem quanto a de chegada.

Seja como for, se o foco é o papel do tradutor como intérprete da obra literária, um mediador que permite que outros leitores possam penetrar em um mundo literário estranho/estrangeiro; ou se esse foco se volta para o texto fonte e o embate entre palavras e culturas, as traduções têm um papel fundamental nos sistemas literários mundiais. Se observarmos o sistema literário brasileiro, a influência da literatura francesa é notável, tendo moldado e criado, por assim dizer, a literatura brasileira dos séculos XVIII e XIX. Da mesma forma, a literatura traduzida pode ter um papel fundamental em motivar escritores da cultura receptora em suas criações, ao ponto de originar movimentos culturais e literários importantes. Tendo isso em mente, entende-se como o tradutor enfrenta decisões importantes – questões culturais que fazem sentido em uma língua podem não ter efeito em outra. Marcas culturais que são significativas dentro de uma obra devem ser levadas para a língua alvo, mas de que forma? Será que o enfrentamento do “estranho”, tarefa essencial do tradutor, deve se refletir na obra que ressurgir para os olhos de leitores da tradução?

Nos três anos em que tenho me debruçado sobre a versão de contos dos autores Machado de Assis e Mário de Andrade para a língua inglesa, em um projeto de pesquisa que coordeno no Instituto de Letras da UFRGS¹, a tarefa de tentar achar o equilíbrio entre o texto fonte e o texto alvo tem sido um jogo delicado. Se existe algum núcleo do texto literário que, segundo Benjamin, não se deixa traduzir, este certamente apareceu inúmeras vezes nas diversas revisões que nossa equipe de pesquisadores/tradutores fez das versões dos dois autores brasileiros. Com frequência, nos defrontamos com a utilização das mais variadas estratégias para contornar ou solucionar os quebra-cabeças que surgiam. Mais uma vez, é crucial que vejamos como estudiosos de tradução descrevem essas estratégias. Berman, por exemplo, procura definir tendências “deformadoras” utilizadas com frequência, mas que por vezes não chamam atenção do leitor nas traduções de obras em prosa. Essas tendências vão desde a racionalização até a destruição de redes subjacentes de significado, passando por a destruição de rimas, ou de expressões, e o empobrecimento quantitativo e qualitativo.

Por outro lado, as estratégias enumeradas por Paul Newmark também se voltam para desvios ou soluções utilizados por tradutores em seu trabalho. Em nossas versões de Mario de Andrade, observamos com frequência o quanto esses recursos eram necessários para contornarmos problemas específicos, seja de ordem cultural ou lingüística. A naturalização, a neutralização, notas de rodapé, equivalentes culturais e compensações são algumas das estratégias que foram necessárias para lidar com a versão do autor brasileiro para o inglês.

É interessante notar que é no confronto com palavras culturais, como Newmark as classifica, que a necessidade de utilizar estratégias se torna mais evidente. Newmark, por exemplo, lista ecologia, cultura material, cultura social

e organizações como elementos culturais que precisam ser abordados em uma tradução. A essa lista nosso grupo de pesquisa acrescentou marcas discursivas do próprio autor, marcas temporais (onde tempos verbais marcam ritmo na narrativa) e marcas discursivas próprias do país, nesse caso o Brasil. O que se destaca nessas especificações é a necessidade de o tradutor refletir cuidadosamente sobre sua prática, suas escolhas e seu papel na tradução. Nessa atividade reflexiva fica evidente que a tradução literária é um trabalho artesanal, ponderada e lenta se for feita com cuidado, o que obviamente vai contra, com frequência, o ritmo adotado pelo mercado editorial, que necessita produzir traduções numa velocidade muito mais veloz.

Na tradução nos defrontamos, em última análise, com uma tarefa das mais complexas e, por vezes, frustrantes. Em nenhum momento, no entanto, devemos desistir do esforço hercúleo que se apresenta para nós. É justamente no confronto com o texto fonte que o tradutor se vê às voltas com tantos conceitos e estudos feitos por teóricos ao longo dos anos e que, no momento de lidar com termos dos mais diversos, vem auxiliar nessa tarefa imperfeita. Isso não significa de modo algum que o tradutor de textos literários não enfrenta obstáculos que às vezes parecem intransponíveis. De qualquer forma, é nesses momentos que parecem impossíveis que o tradutor precisa exercer seu papel de mediador, transgressor ou criador. Por um lado, ele deve levar em conta restrições que podem limitar seu trabalho tais como o estabelecimento do que uma sociedade irá considerar tolerável e aceitável em uma leitura. Por outro lado, o tradutor pode enfrentar a necessidade que o próprio texto fonte coloca de destacar o estranhamento de um termo, de uma expressão ou de uma imagem. É necessário ter em mente que as tendências deformadoras, nas palavras de Berman, ou as estratégias de Newmark, não existem em um vácuo a-histórico. Berman expressa isso de forma clara quando diz que a tradução como é feita usualmente dentro da cultura ocidental tem sido “uma restituição embelezadora de significado com base na típica separação platônica entre o espírito e a letra, o sentido e a palavra, conteúdo e forma ...”. Desse ideal vem nossa busca pela tradução clara, elegante e fluente. Por vezes, essa tradução se torna mais “pura” do que o próprio original o que, segundo Berman, é a destruição da letra em favor do significado.

Uma forma de poder unir, mesmo que imperfeitamente, o espírito e a letra, ou conteúdo e forma, como diz Berman, é costurar o estudo da tradução feita por um viés cultural com a observação de questões ligadas a narrativa do texto; o que remete às formas e aos recursos utilizados pelo autor para manipular seu texto literário. Se, por um lado, vemos a tradução de uma determinada obra como parte de um sistema mais amplo em que há trânsito entre texto fonte e texto alvo, entre centro e periferia, por outro lado, podemos nos deter nas minúcias da obra sendo trabalhada, em seu funcionamento narratológico.

A observação das leis que governam a diversidade e a complexidade dos fenômenos literários é tratada amplamente pela Teoria de Polissistemas de

Itamar Even-Zohar. Para Even-Zohar existe uma integração entre línguas padrão e variedades lingüísticas, assim como entre as obras traduzidas e aquelas de onde essas traduções partiram. Vista dessa forma, podemos reconsiderar a forma que tratamos traduções dependendo do sistema para a qual essas foram feitas. Um sistema literário considerado periférico, uma vez traduzido, pode transitar para um sistema central e influenciar formas narrativas e estilísticas, assim como abrir espaço para uma maior compreensão da cultura da obra fonte. Traduções novas podem trazer outras visões da cultura fonte que não foram percebidas anteriormente ou, que talvez, não puderam ser reveladas devido a diversas restrições ligadas ao contexto da época. Observar as escolhas feitas em diversos processos de tradução pode revelar decisões da parte de um tradutor, decisões ligadas a políticas editoriais, ao contexto histórico, a visões de mundo e, até, ligadas a escolha de quais obras traduzir em determinado momento.

Entretanto, é necessário também adotar ferramentas a partir de um suporte teórico mais detalhado para que se possa analisar o papel do tradutor como leitor do texto fonte e como intérprete de uma narrativa que precisa ser desvendada em vários níveis. Assim, adotar uma análise de aspectos narratológicos se revela uma forma útil, mostrando que o tradutor tem a dupla função de leitor e criador de um novo texto ainda que evidentemente calcado na origem. A teórica holandesa Mieke Bal propõe uma “idéia de narratologia que une texto e leitura, sujeito e objeto, produção e análise para o ato de compreensão.” O tradutor, nessa lógica, pode se colocar com sujeito-leitor da obra a ser traduzida, que é seu objeto de escrutínio, e, portanto, adotar um método para lidar com esse objeto. O único objetivo claro nesse exercício prático de análise do texto fonte é ter elementos suficientes para poder lidar com esse texto em todos seus detalhes. Nesse enfoque, a importância da narrativa se dá pelo seu efeito no leitor e, conseqüentemente, na tradução feita. Podemos, como tradutores, perceber não apenas o significado das palavras, mas também, de onde essas palavras vêm, ou seja, a partir de que ponto de vista e com que intenção. Assim, ter uma visão clara de narrador, personagem, foco narrativo, narrativas principais e inseridas, desvios cronológicos e anacronias, assim como, ritmo, acrescentam novo sentido à obra que está sendo traduzida, influenciando o tradutor a tomar decisões com critério e precisão. Os recursos narrativos que um autor adota são, afinal, uma forma de revelar sua visão e indicar ao leitor o que deve ser considerado importante, e o que pode ser percebido e sentido em determinado momento.

A questão polêmica sobre se o tradutor pode interferir na obra que está traduzindo, tornando-a não apenas palatável para um público leitor específico (lembramos o caso da literatura infanto-juvenil que depende tanto de ajustes temporais e espaciais), mas uma criação sua (talvez colocando o tradutor como co-autor), permanece. Tudo depende da postura adotada pelo tradutor. Em geral, os tradutores escolhem um caminho menos tortuoso quando estão lidando com obras literárias. O movimento de vai e vem entre obra fonte e obra alvo é feito com o uso de diversos critérios e pode passar ao longe de discussões teóricas e abs-

trações. Se em uma ponta do espectro em que se encontram tradutores literários está o tradutor de poesia, que se debruça sobre a palavra com cuidado, mas que toma decisões às vezes consideradas corajosas e desprendidas do texto original; no grande meio estão um número de tradutores que necessitam tomar decisões que nem sempre podem ser consideradas criativas e que os torna invisíveis ao leitor da tradução. É necessário que todo leitor sempre lembre que na obra que ele está lendo houve (e há) um constante embate que iniciou no momento em que o autor pensou em seus personagens e em suas ações; passou pelos olhos e pelas mãos de um dedicado tradutor; e que lhe é entregue para seu estudo e fruição.

Referências

- BAL, Mieke. *Narratology: Introduction to the Theory of Narrative*. University of Toronto Press, Toronto, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *The Task of the Translator: An Introduction to the Translation of Baudelaire's Tableaux Parisiens*. Trad. Harry Zohn. In: *The Translation Studies Reader*. New York: Lawrence Venuti, Ed., Routledge, 2004. pp. 75 – 85.
- BERMAN, Antoine. *Translation and the Trials of the Foreign*. In: *The Translation Studies Reader*. New York: Lawrence Venuti, Ed., Routledge, 2004. pp. 276 – 289.
- GARCIA, Rosalia; Bordinhão, Cristina; Fleck, Regina; Lampert, Aline. “Tradução Literária e seus Desdobramentos: Aspectos Culturais e Narratológicos da Versão para o Inglês de *Contos de Belazarte*, de Mário de Andrade.” A ser publicado nos anais do I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, UCS em outubro de 2011.
- _____. “Tradução Literária e seus Desdobramentos: Tradução e Cultura em Contos de Mário de Andrade.” Jornada do Instituto de Letras, UFRGS, 2010. No prelo.

Nota:

Esse projeto teve nos seus 3 anos de funcionamento a colaboração ativa dos seguintes alunos da graduação do curso de Bacharelado em Letras-inglês (nas versões de Machado de Assis): Amanda Zampieri, Cybele Alle, Francisco Araujo da Costa, Gabriela Camargo, Mariana Bandarra e Monica Stefani. Além disso, o pós-graduando Ian Alexander também trabalhou nas versões de Machado de Assis. Na etapa atual, nas versões de contos de Mário de Andrade, temos o trabalho das alunas de Bacharelado Aline Lampert, Cristina Bordinhão e Regina Fleck que apresentaram resultados no Salão de Iniciação Científica 2010 (e irão apresentar também resultados em 2011) além de outros eventos que resultaram em publicações importantes.

Escócia, Irlanda e País de Gales: As Nações e Suas Literaturas

Mariana Lessa de Oliveira

Escócia, Irlanda e País de Gales: estes países compartilham uma história semelhante, porém cada qual com suas peculiaridades. Todas as três nações sofreram com as invasões inglesas e a repressão em nível nacional, lingüístico e cultural. Não foram apenas subjugadas economicamente e politicamente, mas culturalmente. Primeiro houve, o domínio político, a falta de recursos para decidir sobre o presente e o futuro do próprio país, e, por fim, a imposição da língua inglesa e a gradual perda das línguas locais, o escocês, o irlandês e o galês. Todavia, a diferença entre estes países está na forma como cada um resistiu às invasões nas várias formas como que elas ocorreram.

Embora todos os três tenham resistido de alguma maneira, os livros de história abordam com mais afinco as resistências feitas pelos irlandeses, que duraram até 2001, quando o IRA (*Irish Republican Army*) largou a luta armada por uma posição mais diplomática e pacífica nas negociações entre a Irlanda do Norte e a Inglaterra. Porém, a história irlandesa está cheia de grupos organizados que lutaram pela liberdade irlandesa desde os primeiros momentos de sua ocupação, o que os diferencia do resto das colônias inglesas.

A Escócia também teve seus líderes da resistência, sendo um dos maiores ícones históricos a figura de William Wallace, no século XIII. Já os líderes galeses, como abordado pelos editores do *The Penguin Illustrated History of Britain and Ireland*, parecem haver tolerado o domínio inglês de uma forma mais conformada, porém sempre mantendo a esperança de um dia se livrarem do jugo inglês, como mostra o poema *Armes Prydein Vawr*, datado da metade do século X.

Este poema é um pequeno exemplo de inúmeras obras literárias que perpetuaram o sentimento nacional em cada uma das nações subjugadas. É isso o que

todas têm em comum. W.B. Yeats, poeta irlandês, já dizia que não havia uma grande literatura sem nacionalidade e vice-versa. O movimento da renascença cultural escocesa do século XX acreditava que nenhuma manifestação cultural de uma nação poderia existir separada das esferas política, social e econômica da vida dessa nação. Assim, essa conceitualização corrobora a relação que Yeats já havia estabelecido anteriormente.

Se as três nações não obtivessem êxito em se separar do império por vias políticas, então restaria mesmo assim nos movimentos artísticos uma forma de resistência. Na Irlanda, este movimento se deu através de escritores como W.B. Yeats e J.M. Synge, entre outros, que coletaram lendas e mitos orais e começaram a inseri-los em suas obras. Eles não estavam apenas citando lendas de um passado nacional, mas as estavam recriando e, de certa forma, resgatando a memória cultural e a identidade de seu povo. Desta forma, o grupo não estava apenas desenterrando um passado nacional, mas o atualizando para o presente. Assim, em 1891, *The Irish Literary Society* de Londres foi criada, sendo seguida pela criação da *National Literary Society* em Dublin. Em 1893, a *Gaelic League* foi fundada, e em 1897 *The Irish Literary Theatre* foi aberto. Em 1904, *The Abbey Theatre* foi instituído em Dublin, e em 1908 a Irlanda teve a primeira escola bilingüe (inglês e irlandês) aberta pelo poeta nacionalista Patrick Pearse.

No País de Gales, os movimentos ocorreram um pouco mais tarde. Foi no período entre 1900 e a primeira guerra mundial que diversos trabalhos sobre o povo galês e sua língua foram publicados, com destaque para *The Welsh People* de John Rhys e Brynmor Jones e *Wales* do conhecido nacionalista galês Owen Edwards. Em 1907, foram abertos o museu nacional do País de Gales e a biblioteca nacional. Ao contrário da Irlanda, onde a produção artística nacionalista estava em diversas localidades, no País de Gales esta se destacava na região de Gwynedd, onde periódicos em galês eram publicados e onde a maioria dos escritores residia. Em 1911, cerca de mais de um milhão de pessoas já falavam galês, enquanto que na Irlanda a língua irlandesa já era pré-requisito para a ocupação de cargos públicos. Em 1961 o País de Gales abriu *The Welsh Books Council*, órgão que incentivaria a publicação de livros em galês, e em 1967 o País de Gales abriu o *Welsh Arts Council*.

Na Escócia, um dos maiores nomes da literatura nacionalista é o do poeta do século XVIII Robert Burns, que escrevia em inglês, mas também escrevia em escocês e, às vezes, utilizava as duas línguas. Além disso, Burns também coletou lendas e mitos escoceses e os adaptou para poemas e canções. O filho preferido da Escócia, como também é conhecido, serviu de inspiração para outros escritores e movimentos artísticos. Um dos movimentos de maior peso na história cultural escocesa é o Renascimento Escocês, oriundo do início do século XX. O grande nome dos esforços literários é o do escritor C.M. Grieve ou Hugh MacDiarmid. Entre 1920 e 1922, MacDiarmid publicou três antologias

de poesia escocesa, e também foi fundador do *Scottish Chapbook*. Com o tempo, porém, o movimento perdeu força e acabou por volta de 1960. Ou melhor, foi substituído pelas novas estratégias propostas por escritores como Alasdair Gray ou pelos membros da *New Scottish Writing Generation*, dentre os quais se destaca Irvine Welsh.

Assim, todas as três nações sempre tiveram seus movimentos artísticos que se esforçaram para manter vivo o sentimento nacionalista, às vezes com um êxito que perdura até os tempos atuais, outras vezes em tentativas que, infelizmente, não obtiveram sucesso por diversas razões. Todavia, mais importante do que ter tido sucesso ou não em seus esforços, foi o triunfo de haverem preservado uma história cultural em que cada nação pudesse se reconhecer, pois, como Yeats já havia dito, não há uma grande literatura sem nacionalidade e nem uma grande nação sem literatura.

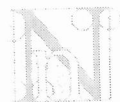


SABi



UFRGS 06816909

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



núcleo de
editoração
eletrônica
instituto de letras-ufrgs

Impresso na Gráfica da UFRGS

